

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS DE ARARAQUARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

MARIA NAZARÉ SALVADOR

**MULHERES NEGRAS ADOLESCENTES: PROJETOS DE VIDA E
SUPORTE FAMILIAR**

MARIA NAZARÉ SALVADOR

**MULHERES NEGRAS ADOLESCENTES: PROJETOS DE VIDA E
SUPORTE FAMILIAR**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Profº. Drº. José dos Reis Santos Filho

Araraquara
-2006-

Salvador, Maria Nazaré

Mulheres negras adolescentes: projetos de vida e suporte familiar /
Maria Nazaré Salvador – 2006

101 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual
Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

Orientador: José dos Reis dos Santos Filho

1. Estigma. 2. Estereotipo. 3. Gênero. 4. Mulheres negras.
I. Título.

MARIA NAZARÉ SALVADOR

**MULHERES NEGRAS ADOLESCENTES: PROJETOS DE VIDA E
SUPORTE FAMILIAR**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^o. Dr^o. José dos Reis Santos Filho (UNESP/ FCLAr)

1^a Examinadora: Prof^a. Dr^a. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (UFSCar)

2^o Examinador: Prof^o. Dr^o. Henrique Antunes Cunha Júnior (UFC)

Araraquara, ___ de _____ de 2006.

Ao Grande Pai Oxalá.

Aos meus Orixás.

Aos meus pais: Luiz Salvador (*in memorian*), o sábio que com sua alegria me deixou belas recordações e Eva Marcondes Salvador (*in memorian*), a comandante guerreira cuja resistência está demarcada no espaço e no tempo.

A minha irmã Aparecida Salvador Maria (*in memorian*), de quem a paciência e sabedoria permanecem vivas em minha lembrança.

A todos os ancestrais dos Marcondes e Salvador.

Às mulheres negras adolescentes entrevistadas cujas falas clamam por direitos.

AGRADECIMENTOS

Na minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica muitas pessoas estiveram presentes através do diálogo e incentivo que me auxiliaram a seguir em frente.

Agradeço a minha família cujo suporte e credibilidade possibilitaram todas as minhas caminhadas: As irmãs Joanna Maria, Durcília e Dulce que sempre vibraram por mim; a Lazineira que mais de perto me apoiou constantemente, aos irmãos Kiko Luiz pelo afeto e admiração e Antonio Luiz por, mesmo em minhas ausências em seus momentos críticos, sempre depositar sua confiança em mim. A todos os sobrinhos e sobrinhas, em especial a Simone e Regina Célia que no cotidiano compreenderam as minhas necessidades e muito me auxiliaram, e a Yejidê que nos meus momentos críticos clamava por atenção, o que me energizava.

Ao Movimento Negro, com destaque para o Grupo de Divulgação da Arte e Cultura Negra de Araraquara, ao Festival Comunitário Negro Zumbi – FECONEZU e ao Grêmio Cultural Palmares que durante a militância ativa contribuiu para o orgulho do “Ser Negro”.

Ao meu orientador Prof^o. Dr^o. José dos Reis Santos Filho pelo incentivo, questionamentos e apoio.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FCL/Car, através do Prof^o. Dr^o. Dagoberto José Fonseca e Prof^a. Dr^a. Elda Rizzo de Oliveira que propiciaram momentos importantes para a minha reflexão. As funcionárias da secretaria da Pós-Graduação por meio da Cristiana Gobato Lopes Castro pela atenção no atendimento.

Ao Prof^o. Dr^o. Andreas Hofbauer pelo olhar direcionado ao trabalho no exame de qualificação.

Ao Prof^o. Dr^o. Ademil Lopes, pela atenção e motivação.

Aos Professores: Henrique Antunes Cunha Júnior e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva pela participação na banca de defesa da dissertação.

A grande amiga, comadre e irmã de fé Maria Aparecida Silva cuja convivência contribuiu para a realização deste trabalho.

As mulheres negras, mestres e amigas, Maria Aparecida Silva, Eva Silva e Valquíria Tenório, pelos olhares que direcionaram a essa dissertação com muito empenho e dedicação.

A grande amiga Ana Maria, sempre presente nos bons e maus momentos, acreditando e incentivando.

Ao Programa Bolsa Mestrado da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, pelo apoio financeiro à pesquisa.

A Diretoria Regional de Ensino de Araraquara, na figura da dirigente professora Sandra Maria Rossato por ter me propiciado a permanência na Oficina Pedagógica, local em que por meio de um trabalho coletivo pude adquirir um aprendizado maior e participar, juntamente com a assistente técnico-pedagógica Sandra Dourado, na coordenação do Programa *São Paulo: Educando pela diferença para a igualdade em nível local*, que muito contribuiu para a minha pesquisa.

A Madrinha Olga, José Francisco, Cidinha Brandão e Maria do Carmo pela energia espiritual.

A amiga Angelita que traduz garra e determinação com sua trajetória de vida.

A amiga Inês Barbosa que há muito tempo me incentiva. Apesar da distância é um grande exemplo para a minha vida.

Impossível lembrar de todos os amigos, mas àqueles que não foram citados também sou muito grata.

RESUMO

Esta dissertação buscou interpretar as experiências de um grupo de mulheres negras adolescentes no que diz respeito ao preconceito, a discriminação e ao racismo que cotidianamente permeiam suas relações sociais, e o papel desempenhado pela família na construção de suas identidades. Foi uma tentativa de apreender como essas mulheres adquirem condições não somente para desconstruir os estigmas e estereótipos presentes no imaginário social, mas também para ressignificar o ser negro e fazer planos para o futuro procurando expressar uma identidade étnico-racial.

Os recursos da história oral foram importantes para captar e interpretar os aspectos significativos de suas vivências e experiências em contextos sociais que as subestimam e em outros nos quais se sentem valorizadas e que contribuem para o fortalecimento da auto-estima e auto-confiança.

Palavras-chave: Estigma. Estereótipo. Gênero. Experiência. Identidade étnico-racial.

ABSTRACT

This dissertation aimed to interpret the experiences of a group of black adolescent women regarding the daily prejudice, discrimination and racism that permeate their social relationships, and the role performed by the family in the construction of their identities. It was an attempt at learning how these women acquired means not only to deconstruct stigmas and stereotypes present in a social imagination, but also to redefine the black being and make plans for the future looking to express an ethno-racial identity.

The oral history resources were important in capturing and interpreting the significant aspects of their experiences in social contexts that underestimate them and in others where they feel valued, and that contribute to the strengthening of self-esteem and self-confidence of these adolescents.

Keywords: Stigma. Stereotype. Gender. Experience. Ethno-racial identity.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	10
2 INTRODUÇÃO: Da trajetória da pesquisadora a um projeto de pesquisa.....	12
3 UMA QUESTÃO A SER ENFRENTADA.....	18
3.1 Trajetória da realização da pesquisa.....	19
3.2 Importância da história oral para o nosso trabalho.....	26
4 AS BASES IDEOLÓGICAS DA DISCRIMINAÇÃO.....	32
4.1 Raça e etnia.....	36
4.2 A leitura das mulheres negras adolescentes sobre o preconceito e a discriminação na sociedade.....	39
5 ESTIGMA E ESTEREÓTIPO.....	44
5.1 A leitura das mulheres negras adolescentes sobre a imagem do negro na sociedade.....	48
5.2 Experiência na pele: preconceito e discriminação.....	50
6 O LUGAR DO NEGRO: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DOS DADOS.....	60
6.1 O negro em Araraquara.....	61
6.2 Identidade negra: uma discussão complexa.....	63
6.3 Significado da auto-identificação.....	66
6.4 Espaços de sociabilidade.....	69
6.5 Diálogo sobre o preconceito e a discriminação.....	74
7 PROJETOS DE VIDA.....	81
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	91
ANEXOS.....	97

APRESENTAÇÃO

Ouvir as histórias contadas pelos mais velhos sempre fez parte das nossas curiosidades. As vivências e experiências dos personagens nos transportavam a contextos antagônicos, mas também nos conduziam a uma reflexão sobre a trajetória e as resistências de um povo.

Onde eu morava com os seus avós, havia uma grande fazenda chamada “Cabeça de Negro”. Lá viviam muitos negros. Lembro que ouvia falar que muitos deles morriam assassinados (E.M.S.).

Eu nasci e fui criado na fazenda dos I. Como tinha negros nessa fazenda! Parecia um Quilombo! (O.).

B.R. era considerada a rainha das mulheres. Ela dançava umbigada. Meu pai colocava o seu terno branquinho e lá ia para o batuque da B.R.(P.).

Aqui, os pretos fundaram a Irmandade de São Benedito. Seu pai, M.N., foi uma das pessoas que participou ativamente dessa irmandade. Só dava preto! (E.M.S.)

A Dona M. do sr. J.A. sempre gostava de organizar o “Baile das Cozinheiras”. Todas as mulheres que participavam iam de avental, cada um mais bonito que o outro. Era realizado no antigo Teatro Municipal, onde hoje é a Prefeitura. Só dava nossa gente. Nesse baile, como em outros realizado pelos pretos a gente vendia pastel (J.M.S.C.).

A família do seu pai veio de Minas Gerais e a minha veio de Bela Flor - Ba. Os meus parentes vieram em comboio de escravos (escravizados) para a região de Brotas (E.M.S.).

Eu lembro que quando pequena, meu pai tinha uma fazenda em B. Tinha algumas pessoas que trabalhavam junto com a gente. Meu pai perdeu tudo. Ficamos um bom tempo com ele doente de uma fazenda a outra. Ele ficou bom graças a um curandeiro que descobriu que uma pessoa tinha feito mal para ele (E.M.S.).

São histórias que retratam um aspecto da realidade que faz parte da memória de uma família e que nos foram transmitidas através da oralidade. Portanto, não foram vivenciadas pela pesquisadora, mas por meio da socialização familiar constituindo-se, de acordo com Pollack (1992, p.201) “numa memória quase que herdada”.

Pollack aproxima a memória com o sentimento de identidade, conforme o autor:

[...] A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992, p. 201)

Esses elementos que constituíram a memória de um grupo foram referências significativas e estiveram presentes no processo de minha formação por meio da comunicação oral e, nesse processo, mesmo que os personagens tenham vivenciado em vários contextos os estigmas e estereótipos em relação ao negro podemos perceber as estratégias utilizadas para a manutenção da coesão da família e do grupo.

Essa memória dos excluídos pela sociedade demonstra perdas, alegria, cooperação e resistência e esse aprendizado nos fez procurar compreender, através dos depoimentos de oito mulheres negras adolescentes, como se dá a resistência que as faz transcender os estigmas e estereótipos presentes no imaginário social, refletirem sobre suas identidades e pensarem no futuro e em um projeto de vida.

Procuramos compreender os depoimentos dessas mulheres negras adolescentes, interpretando as informações de acordo com o que elas nos transmitiram, como também considerando as bases em que foi erigida a sociedade brasileira.

2 INTRODUÇÃO: Da trajetória da pesquisadora a um projeto de pesquisa

Faço parte de um segmento da sociedade que ao longo da história resistiu às atrocidades do período escravocrata e, pós abolição, vem enfrentando desafios para o seu reconhecimento e participação em todos os setores da vida econômica, política e social. Assim, parte de um universo em que as relações sociais são mediadas pelo preconceito, pela discriminação e pelo racismo, o questionamento da presença desses elementos em nossas vidas sempre caracterizou meu cotidiano.

Essa postura esteve baseada, em um primeiro momento, na revolta e na indignação frente a nossa exclusão nos vários espaços sociais. Os enfrentamentos eram constantes e, algumas vezes, havia silêncio e afastamento. No seio familiar, a segurança. No lar, através da figura materna, explicações para tais conflitos: “é que fomos escravizados e para sermos valorizados e sairmos da condição de domésticas, precisamos estudar: o negro precisa saber três vezes mais que o branco para sair dessa situação”. Por um lado, a valorização da escola. Por outro, na escola, conflitos com alunos e professores.

Da 1ª até a 4ª série, estudei numa escola que era considerada de qualidade para os “importantes” sobrenomes da cidade. Na sala de aula, enquadrada na categoria dos “médios”, assistia aos afetos e elogios direcionados àqueles que correspondiam ao padrão vigente. Nas brincadeiras do pátio, a exclusão, apesar de, algumas vezes, ser incluída por meio de negociações de algumas meninas que uma vez ou outra se manifestavam dessa forma: “deixa ela brincar coitadinha, ela é pobre!”

Não por acaso, são vários os estudos sobre o papel da escola na vida dos (as) alunos (as) negros(as), principalmente em relação à criança negra. A escola, de acordo com pesquisas realizadas, trabalha com os alunos como se fossem homogêneos e aqueles que resistem a esse processo de homogeneização são fortes candidatos à reprovação e à evasão. Segundo Gomes:

Sabemos que a escola privilegia um padrão de ensino, de aluno (a) e de professor (a) a ser seguido. Um padrão que incorpora uma noção de homem, de mulher e de sujeito social [...]Um olhar mais atento sobre a realidade escolar nos mostrará que a nossa escola ainda prima por um modelo branco, masculino, heterossexual e jovem. (GOMES, 2001, p. 87)

Nos anos 70, da 5ª a 8ª série, como denominamos na atualidade, estudei em uma escola em que havia uma parcela significativa de alunos negros. Nessa escola, além do ensino voltado para a educação geral, outros cursos eram oferecidos em caráter obrigatório

como: culinária e costura para as meninas e mecânica para os meninos. “Uma boa escola para os filhos de pobres e negros”, pois os mesmos se profissionalizavam para o ingresso imediato no mercado de trabalho.

O prazer que sentia em estudar nessa escola era pelo fato de me sentir incluída nos grupos e nas brincadeiras da maioria que era negra. Vivenciava situações de preconceito, mas as respostas nos confrontos, agressivas ou ingênuas, tinham o respaldo do grupo.

O debate sobre a temática racial, poucas vezes, acontecia em algumas brechas encontradas nas redações solicitadas pelos professores. Nessas, contava com a ajuda do meu irmão que tinha muitas informações sobre a temática, mas eu aguardava as críticas que sempre vinham acompanhadas das notas que não eram as melhores.

A escola, como todas as outras instituições para os negros, não constitui um espaço em que as diferenças são trabalhadas e valorizadas. Elas são motivos para inferiorizações e anulações, comprometendo a formação da identidade positiva do negro. Conforme Cavalleiro:

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre os negros. (CAVALLEIRO, 2000, p. 19)

Em oposição ao que via, ouvia e sentia nos espaços sociais mais abrangentes considero que minha identidade negra foi sendo construída ao longo da vivência com meus familiares: nas conversas e histórias contadas pelos mais velhos, nas grandes festas comunitárias e, mais tarde, no Movimento Social Negro.

Vivendo as tensões entre o aconchego do lar e a hostilidade da rua, iniciei o ensino médio na metade dos anos 1970. A tensão vivenciada se comparava aos primeiros anos escolares. Novamente, ousava estudar numa escola na qual a elite da cidade tinha os seus representantes.

No primeiro ano a resistência quase chega ao limite e, não fosse a autoridade materna, quase não o teria concluído.

Ao término do 2º grau, a vontade de continuar os estudos era muito grande. Mas, o que fazer? Sem grandes informações sobre o mundo acadêmico, ingressei na escola de Serviço Social, uma faculdade particular na qual a família investia com muito sacrifício. Mas, percebendo que não ia ao encontro das minhas expectativas, ao final do 1º ano pensei

abandonar e, mais uma vez houve a intervenção familiar para a minha permanência, uma vez que eu era a primeira filha que freqüentava uma faculdade.

Após a conclusão do referido curso entrei na Faculdade de Ciências Sociais – Unesp de Araraquara. Nesse período já fazia parte do Grupo de Divulgação da Arte e Cultura Negra de Araraquara - GANA - e nessa Faculdade encontrei pessoas também engajadas no Movimento Negro as quais contribuíram para a minha trajetória.

Na minha carreira profissional trabalhei como auxiliar de enfermagem e posteriormente como atendente da clínica odontológica da Faculdade de Odontologia de Araraquara – afinal, segundo os nossos “antigos”, prestar concurso público é uma segurança para o negro, pois é sua competência que vai ser avaliada – e finalmente ingressei na carreira do magistério, lecionando para crianças e, atualmente, para adolescentes. Em minha trajetória como professora, a temática racial sempre esteve presente tanto nos conteúdos das disciplinas trabalhadas como em momentos de conflitos. Sempre acreditei que a temática fazia parte do cotidiano e, portanto, a qualquer momento deveria ser abordada.

Nesse cenário geral, após vários anos distante do mundo acadêmico, voltei à universidade onde em um primeiro momento cursei uma disciplina como aluna especial no Programa de Pós Graduação em Educação intitulada “Adolescência na Contemporaneidade: Uma Visão Crítica a partir da Psicanálise”. Ali realizei um trabalho no qual entrevistei duas adolescentes, irmãs gêmeas da escola E. E. Prof. “Victor Lacôrte”, lugar em que lecionava.

O trabalho teve como motivação inicial um artigo de Fernanda Colonnese - Interferências da Mídia no Processo de Identificação do Adolescente – trabalho no qual a autora tece críticas à televisão que não colabora para a construção da identidade dos adolescentes. Com base nessas críticas e acrescentando à construção da identidade dos adolescentes um recorte étnico-racial, investiguei a trajetória da família das adolescentes negras mencionadas.

As respostas foram dadas pelas irmãs que em conversa com a mãe e avó, relataram uma parte da história da família, mostrando como a resistência sempre se fez presente na superação das adversidades impostas e na afirmação da identidade étnico-racial. A figura da mãe e da avó foram centrais na formação dessas meninas e, nos relatos, elas sempre se remetiam as duas como pessoas significativas no processo de construção de suas identidades enquanto negras.

Minha avó morava e trabalhava em uma fazenda em S.M. O prefeito (dono da fazenda) morreu e deixou a fazenda para o seu filho [...] quando ele tomou posse da fazenda, expulsou minha avó com os seus filhos pequenos, pois não queria negros em sua fazenda. Minha avó saiu pelas ruas, sem rumo, andando com as malas nas costas e os cinco filhos. Cozinhava na beira da estrada, bebiam água do rio, dormiam no mato. Foi para a casa da minha bisavó, mas a situação lá também não estava boa. Saiu sem rumo novamente, foi para a cidade de I., onde conseguiu emprego, mas não tinha com quem deixar os filhos. Colocou-os num orfanato por oito anos e, quando a situação melhorou trouxe-os de volta.

Minha avó não tinha tempo para muito diálogo com os seus filhos, pois ela trabalhava muito. Mas ela nunca deixava os seus filhos se sentirem inferiores a ninguém. Ela sempre se mostrou digna e forte contra as adversidades da vida [...].

Sempre sentamos com os mais velhos para conversar sobre o racismo e outras coisas, sempre aprendemos algumas coisas. Quero mostrar para todos que sou capaz e para eu mesma que mesmo sendo negra, de pele escura, posso ultrapassar as barreiras. Sei que não vai ser fácil, mas tenho fé em Deus e em mim e acho que posso tudo, só é preciso querer e tentar.

Já no Programa de Mestrado em Sociologia, dando prosseguimento a esse trabalho preliminar, nos propusemos a estudar as condições de individuação da mulher negra adolescente sugerindo como pressuposto central que as matrizes identitárias negras são construídas a partir das referências familiares. Trata-se de uma hipótese que foi reforçada pela dissertação de Mestrado de Maria Aparecida Silva intitulada **Mulheres Negras Adolescentes no Ensino Médio: discriminações e desafios**. Ao estudar a elaboração dos projetos de vida das mulheres negras adolescentes Silva (2005) forneceu algumas indicações sobre a importância da família no processo de construção da identidade negra.

A pesquisadora entrevistou adolescentes de escolas do Ensino Médio de Araraquara e, através do material coletado, pôde sinalizar a influência significativa da família na elaboração de projetos de vida por parte das mulheres negras adolescentes. Segundo Silva

As adolescentes negras do ensino médio se descobrem, se percebem enquanto negras, primeiro no seio da família. Aqui, são “preparadas” para os momentos desagradáveis que terão de enfrentar em relação às discriminações. A elas são transmitidas as experiências dos mais velhos. Só eles sabem o quanto já sofreram. É uma aprendizagem, é um preparo que dá a elas forças e estímulos para sobreviverem a tal violência. (SILVA, 2005, p. 54)

Temos, então, o reconhecimento da presença das tensões provocadas pela “questão racial”, mas temos também a família realizando certa leitura dessa sociedade marcada pela

discriminação. É em seu interior que serão mostrados os obstáculos que essas meninas terão que enfrentar. No ambiente familiar, portanto, há a produção de referências para a construção da identidade étnico-racial. Um processo, aliás, marcado pela oralidade. Como afirma, novamente, Silva. (2005, p. 68- 85):

Ainda hoje, para as famílias negras, a oralidade tem uma finalidade que é servir de referência para a construção de sua identidade. As mulheres negras adolescentes mostram isso ao dizerem que a tomada de consciência de que são negras iniciou-se nas suas famílias [...]

Para essas mulheres negras adolescentes a família, na figura da mulher negra e mãe, é de fundamental importância para a sua identidade e contribui para que adquiram consciência de que são negras. (SILVA, 2005, p.68-85)

Na terceira seção apresentamos os elementos que nos levaram à realização desse trabalho e os encaminhamentos para tal realização. Abordamos também a trajetória que nos levou à seleção das mulheres negras adolescentes para as entrevistas bem como a discussão de alguns autores sobre história oral.

Na quarta seção apresentamos uma discussão sobre as bases ideológicas que deram suporte ao preconceito, à discriminação e ao racismo. Além de uma abordagem sobre a utilização política do termo raça e etnia; também demos vozes às mulheres negras adolescentes para que elas fizessem a leitura da sociedade onde vivem.

Na quinta seção apresentamos uma abordagem sobre os estigmas e estereótipos em relação ao negro que estão distribuídos no imaginário social e suas possíveis conseqüências para o mesmo. Apresentamos ainda a leitura que as mulheres negras adolescentes fazem sobre o imaginário social e as suas experiências de vivência numa sociedade cujos valores são **brancos**.

Na sexta seção fizemos uma aproximação das desigualdades locais para essas adolescentes em nível nacional e uma breve abordagem sobre Araraquara no que se refere a questão racial. Apresentamos uma discussão sobre identidade e nos remetemos às falas das adolescentes sobre os significados por elas atribuídos as suas identificações, os espaços em que estabelecem relações que contribuem, ou não, para a construção da identidade negra e os diálogos travados sobre o preconceito e a discriminação que visam às desconstruções das imagens depreciativas sobre o negro.

Na última seção expomos as perspectivas que as mulheres negras adolescentes têm para o futuro, os projetos que pretendem concretizar através dos estudos e as barreiras que

devem ultrapassar. Segue ainda as conclusões a que chegamos diante da leitura de mundo das mulheres negras adolescentes.

3 UMA QUESTÃO A SER ENFRENTADA

No que diz respeito ao segmento que mais nos importa diretamente, o Estatuto da Criança e do adolescente – o ECA define o adolescente como sendo a pessoa cuja idade está situada entre os doze e dezoito anos de idade. Segundo Loureiro a adolescência é considerada

Um período de desenvolvimento humano que se inicia na puberdade e se estende até a fase adulta. Caracteriza-se principalmente, por ser um período de grandes mudanças e amadurecimento de funções e capacidades como, por exemplo, as sexuais, intelectuais, mudança no interesse, atitudes e formas de perceber e se relacionar consigo mesmo e com os outros. (LOUREIRO, 2004, p. 37)

Dayrell (2003), em seu artigo “O jovem como sujeito social”, enfatiza o caráter universal relacionado às transformações físicas e psicológicas que os indivíduos enfrentam em uma determinada faixa etária, mas, acrescenta o autor, que é variada a forma como cada sociedade enfrenta esse momento em determinado tempo histórico, como também no seu interior a variação ocorre de acordo com as representações dos grupos sociais. Conforme o autor:

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e, também das regiões geográficas dentre outros aspectos (DAYRELL, 2003, p.42).

Nessa perspectiva entendemos que nessa fase os adolescentes se deparam com modelos valorizados que muitas vezes diferem social e esteticamente daquilo que eles são, e ao abordar a questão da adolescência devemos considerar a classe, o gênero e a etnia, pois na sociedade os espaços estão delimitados para aqueles que fazem parte dessas categorias e se nos atermos a critérios rígidos da nossa construção teremos como parâmetro uma concepção geral em que a adolescência se limita a uma fase de transitoriedade.

Assim, levadas em conta essas especificidades, a concretização dos planos que os adolescentes começam a traçar dependerá do suporte que tiverem nesse período, uma vez que a adolescência não se restringe apenas a uma passagem, mas de acordo com Dayrell é um “processo influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve pela qualidade das trocas que este proporciona” (DAYRELL, 2003, p.42).

Nesse sentido, a hipótese que orientou nosso trabalho foi elaborada através do cruzamento de três fontes: a primeira, minha própria trajetória de vida; a segunda, os dados coletados a partir das entrevistas feitas com duas irmãs gêmeas, a última, o trabalho de Silva (2005), já mencionado. Essas fontes trouxeram a reflexão sobre a condição da mulher negra adolescente. Situada em um universo manifestado por uma ordem simbólica, discriminada em todos os momentos e espaços das esferas de sua vida cotidiana, não nos surpreende se nos depararmos com a continuidade de nossa história colonial, tendo a mulher negra no papel de objeto sexual ou como protagonista de um trabalho doméstico sempre menosprezado. Nas imagens socialmente construídas não é este o horizonte “normal” de uma menina negra pobre? É provável que sim. Mas as mesmas fontes sugeriram que no mesmo universo empírico há tensões no pensar o que seja mulher negra adolescente. Tensões que, em suas formas mais simples, sinalizaram uma vivência que não transita apenas por essa ordem simbólica que as define como inferiores. Os elementos da negatividade convivem com percepções de alternativas a essa condição; um contraponto entre o cotidiano e a crítica do cotidiano.

Trata-se de uma constatação que demonstrou a vivência de uma condição de discriminação marcada pelo fato de ser negra e, por outro, uma experiência cuja matriz externa é dada por exemplos e referências de um “outro influente” que impulsiona as adolescentes negras a transcenderem essa situação. Por provisória que fosse essa conclusão que indicava o peso da idade, do gênero e da etnia, impôs-se uma questão que consideramos significativa: que jogo de identidades proporciona a essas mulheres negras adolescentes elementos para pensar em um futuro e em um projeto de vida?

3.1 Trajetória da realização da pesquisa

Para o encaminhamento do nosso trabalho, sugerimos uma redação que foi desenvolvida por todos os alunos e alunas do 1º ano do Ensino Médio da ESCOLA ESTADUAL “BENTO DE ABREU” – E.E.B.A., em Araraquara. A pergunta então apresentada foi: **O que tem significado a cor da pele em minha vida?** No contexto da pesquisa recém iniciada sua importância foi a de uma primeira aproximação a um objeto em construção.

Essa escola foi escolhida por atender a um número significativo de alunos de vários bairros da cidade nos quais reside também um número expressivo de negros.

A redação foi desenvolvida por todos os alunos e alunas da escola, independente da pertença étnico-racial, com a autorização da direção e coordenação da unidade escolar. Foram dezesseis classes do período diurno e cinco classes do noturno, e um total de 459 redações.

É interessante notar as reações quando explicávamos o objetivo do nosso trabalho e pedíamos a colaboração dos alunos e alunas. Alguns prontamente atendiam ao pedido, pedindo mais explicações sobre o curso de mestrado, sobre a pesquisa e também sobre a faculdade. Outros se embaraçavam como **Que cor eu sou professora? Eu não sei fazer! Não quero fazer! Eu não sei falar sobre isso! Eu não quero falar sobre isso porque meu pai é negro e minha mãe é branca e eu não me sinto bem!**

Nessa primeira aproximação tivemos a oportunidade de apreender a auto-identificação das adolescentes. Muitas declaravam a sua pertença a descendentes de negros e as situações vivenciadas de preconceito e discriminações. Algumas alunas queriam revelar em segredo situações vivenciadas nesse sentido. Sugerimos a elas que colocassem suas observações e experiências na redação.

Percebemos certa dificuldade de alguns alunos em falar sobre o tema. Demoravam muito para começar e, em uma classe a maioria não produziu nada. Era uma sala, segundo a declaração espontânea da professora, que se encontrava no momento da aplicação da atividade, considerada “difícil de trabalhar”.

Do total das redações foram selecionadas oitenta, com mulheres adolescentes por nós classificadas como negras tendo como parâmetro o fenótipo, ou seja, traços físicos como a cor da pele, formato do nariz, lábios e tipo de cabelo que caracterizam a pertença negra.

A classificação acima, seguindo Silva:

[...] resultou do fato significativo de que o indivíduo que tenha uma longínqua ascendência africana possa ser considerado negro, independente das várias nuances da cor da pele, ainda que no caso brasileiro a classificação racial tenha em vista o caráter miscigenado da população. (SILVA, 2003, p.9)

Também classificamos as mulheres adolescentes que se auto-identificaram como:

Branças – 08

Morenas – 17

Pardas – 16

Mulatas – 02

Pretas – 02

Jambo – 01

Negras – 14

De cor – 01

As adolescentes que se auto-identificaram como brancas ou morenas, pela classificação feita por nós, têm a pertença negra e do total das adolescentes por nós classificadas como tendo a pertença negra, dezenove não se auto-identificaram, mas treze afirmaram ser filhas de pais negros e mães brancas e vice-versa.

Segundo Munanga, a classificação no Brasil é “cromática” baseada na pigmentação, diferentemente daquela classificação dos E.U.A. e África do Sul que se baseiam na origem e no sangue.

Dependendo do grau de miscigenação, o mestiço brasileiro pode atravessar a linha ou a fronteira de cor e se reclassificar ou ser reclassificado na categoria “branca”. Jamais poderá ser rebaixado ou classificado como negro, salvo raras exceções, devido notadamente à escolha individual por posicionamento ideológico. Seria o caso de poucos e raros mestiços politicamente mobilizados e que se consideram negros para forjar a solidariedade e a identidade política de todos os oprimidos (MUNANGA, 2004, p.131).

Em uma outra seleção houve aquelas que apontavam, além da pertença negra, experiências de preconceito e discriminação e relações positivas dessa pertença:

Não se auto-identificam de forma explícita, mas sinalizaram pertencimento – 04

Pardas que insinuam pertencimento – 03

Morenas que insinuam pertencimento – 05

De cor – 01

Pretas – 02

Negras – 09

Finalmente, foi realizada outra seleção para fins de aprofundamento do trabalho, por meio de entrevistas.

Negras – 02

Pretas – 02

Pardas – 02

Morenas – 02

Não se auto-identificam de forma explícita, mas sinalizaram pertencimento – 02

De cor – 01

Consideramos nesse trabalho a auto classificação das adolescentes em que todas se remetem à origem ou aos antepassados negros ou africanos, mas algumas delas se auto classificam como “pardas”, “morenas”, “de cor”.

Convidamos as adolescentes selecionadas para uma reunião na escola e, novamente, falamos sobre o nosso trabalho e sobre a importância das entrevistas. Nesse primeiro momento todas as adolescentes concordaram em ser entrevistadas e assim distribuimos a elas convites a serem entregues aos pais, chamando-os para uma reunião cujo objetivo era explicar a pesquisa e pedir autorização para entrevistar as filhas (anexo, o convite).

Nessa reunião, cinco mães compareceram e a dinâmica foi ler juntamente com elas um texto explicativo relacionado à pesquisa, detalhando e respondendo todas as perguntas feitas por elas.

As participantes da reunião autorizaram as entrevistas, assinaram o termo de permissão e manifestaram satisfação pela escolha das filhas para o trabalho. Algumas mencionaram que seria benéfico para as meninas conversarem sobre o tema.

Algumas mães que não puderam participar justificaram a ausência. Marcamos encontros individualizados para um outro momento. Das que justificaram sua ausência três compareceram em dias diferentes para esse encontro, devido aos seus compromissos pessoais, e realizamos novas reuniões seguindo a mesma dinâmica da anterior. Outras duas mães, impossibilitadas de comparecer, aceitaram a visita a suas residências para realização da conversa. Uma adolescente, por meio de um novo contato voltou atrás e se recusou a participar da entrevista.

Das dez adolescentes que foram autorizadas a concederem a entrevista sete compareceram no horário e local previamente combinado. Tentamos estabelecer contato com as ausentes, mas foi inútil. Realizamos nova seleção para substituir as desistentes, combinamos o horário para uma reunião de explicação e apenas uma compareceu. Ao final, o imperativo da urgência obrigou que entrevistássemos oito adolescentes e, de acordo com suas auto-identificações, o quadro ficou dessa forma:

Negras – 02

Pretas – 02

Pardas – 01

De cor – 01

As que não se auto-identificam de forma explícita, mas sinalizaram pertencimento foram duas.

É importante apresentar as adolescentes e destacar parte de suas redações que consideramos significativas e que nos encaminhou para as entrevistas em que utilizamos os procedimentos da história oral.

BA

Ba tem 15 anos, é natural de Campo Grande MS e mora há três anos em Araraquara, no Jardim Residencial Lupo II. Seu pai é encarregado de obras de uma usina e sua mãe é doméstica. A seguir alguns trechos de sua redação.

Nos últimos anos comecei a crer que só tive sorte em receber essa cor “preta”. Sinto-me satisfeita quando consigo bons resultados em minha vida, gosto de mostrar aos outros o que eu sou capaz de fazer, pois assim provo que o “ser negra”, não me faz inferior a ninguém.

Hoje em dia não existe tanto racismo, mas o preconceito está presente. Eu ignoro quando as pessoas me chamam de moreninha, o esquema é: Eu sou neguinha. Depois de ouvir uma música do Rappa, esse verso tornou-se meu slogan: “Branco, se você soubesse o valor que o preto tem, tu tomava um banho de pixe branco, e ficava preto também”...

Preto é “foda”, pois os melhores jogadores de futebol são pretos, a padroeira do Brasil é negra.

Falo que eles estão roubando o nosso estilo, pois estão adotando a cultura black.

Eu sou feliz assim e PRETO É FODA.

PAN

Pan tem 15 anos, é natural de Porecatu – PR. Sua mãe é dona de casa, separada do pai que é borracheiro, e mora no bairro das Hortênsias.

Para minha “vida” tem um significado muito grande pois eu já fui ofendida pelo dono de um mercadinho...

Logo que eu entrei ele tirou sarro com o meu nome me chamando de “Panelinha”. Eu tinha uns onze anos, e aí eu virei pra ele e disse: meu nome não é Panelinha, é Pâmela.

E aí eu pensei comigo mesma: Ah deixa isso pra lá, acho que ele está brincando....Aí eu fui passar e ele muito engraçadinho tornou a me chamar e tirar sarro da minha cor e disse pra mim: Sua neguinha, agora sai por aí derramando carvão as negra...

Quando eu começo a escrever eu fico nervosa e por isso que a minha letra sai assim.

BOÁ

Boá tem 15 anos, mora no Jardim Pinheiros, o pai é rebobinador e a mãe é auxiliar de enfermagem.

Minha cor não é a coisa mais importante e nem a menos importante da minha vida. Eu procuro ter personalidade e não deixar que isso influencie muito na minha vida.

Sou negra e já sofri muitos preconceitos por causa disso. Algumas pessoas acham que porque sou negra sou burra ou incapaz. Outras me olham como “uma neguinha qualquer”...

Minha mãe sempre diz que eu não devo deixar as pessoas “pisar” em mim só porque sou negra.

O Brasil é um país muito racista, e infelizmente os negros são vistos como na sua maioria como pobre e bandido, e quando tem uma condição de vida melhor dizem que é jogador de futebol ou traficante.

Contudo, eu espero que o negro um dia seja visto como qualquer outra pessoa que tem condição de fazer uma faculdade e ser uma pessoa digna.

DÉ

Dé tem 16 anos mora no Bairro Santa Júlia III, seu pai é metalúrgico aposentado e sua mãe trabalha na fábrica de meias Lupo.

Bom, em primeiro lugar eu acho a minha cor muito bonita, apesar do preconceito das pessoas

Eu acho que todos nós somos iguais, o que muda é que alguns são mais clarinhos outros escurinhos...

Eu sou uma pessoa muito humilde e de cor.

Eu acho que todos nós devíamos ter orgulho da cor que temos.

JAN

Jan tem 15 anos, reside no Parque das Laranjeiras, seu pai é guarda noturno e sua mãe faz serviços gerais.

Orgulho em ter a pele que tenho, apesar de existir um grande preconceito contra a pele negra, uma grande discriminação, ainda assim a cor da minha pele me orgulha.

os negros ainda são muito discriminados, principalmente na hora de conquistar um emprego, pois mesmo que o negro tenha um estudo melhor que um branco, com certeza vão eleger o branco pois nessa hora o que irá importar não será o estudo e sim a cor da pele...

Temos que aprender a viver com as diferenças, pois aqui nesse mundo ninguém é melhor que ninguém. É legal ser diferente, mas o mais legal ainda é ser diferente aprendendo a viver com a diferença dos outros. Isso sim, é legal.

ÁG

Ág tem 16 anos, mora no Bairro Quitandinha, seu pai é eletricista e sua mãe é cozinheira.

Tenho a cor parda, mas também tenho fortes raízes africanas. Meus avós paternos são negros, minha avó materna é branca de olhos azuis e meu avô é negro. Acho interessante essa mistura racial. Poucas vezes sofri agressão por causa da minha cor, somente na infância sofri preconceito.

Me orgulho muito das minhas raízes africanas. O fato de eu não ser negra e assumir minhas raízes ancestrais também é alvo de preconceito.

Acho a história de meus ancestrais maravilhosa e saber que em minhas raízes corre o sangue de heróis e heroínas, isso me deixa orgulhosa. Sempre me orgulhei de ser parda, apesar de me considerar negra. As lutas que vencemos ainda são poucas, pois infelizmente o homem insiste em julgar as pessoas por sua cor. Teremos muitas muralhas para derrubar.

Ainda hoje, os pardos e negros são discriminados. Podemos pegar como exemplo, quando vamos em busca de um emprego. As pessoas têm que ter consciência que somos honestos, pois honestidade não escolhe cor, malandragem não escolhe raça...

Só sei que minha cor demonstra a força e a fé de um povo que vem há séculos mostrando e provando para o povo que tem o seu valor.

Acho também que esse orgulho que sinto tem como estimulante meu avô materno, Minervino. Ele era negro e foi um dos homens mais dignos que conheci. Foi um dos (se não o melhor) melhores seres humanos que o mundo já viu. E ele era NEGRO.

MI

Mi tem 15 anos, mora no Bairro Santana, sua mãe é zeladora, separada do pai, que é motorista, desde que Mi era pequena.

Sou preta e tenho muito orgulho da minha cor. Tenho orgulho pois há muitos anos atrás muitas pessoas lutaram e sofreram muitas humilhações. Mas ainda hoje as humilhações continuam, mas bem menos que no passado. Me orgulho porque é uma cor que carrega muitas tradições.

LE

Le tem 15 anos, mora no centro da cidade, é natural de Orobó - PE, sua mãe é faxineira e seu padrasto é servente.

Eu gosto muito da minha cor. É uma cor que não chama muita atenção. Na maioria das vezes me discriminam ...muitas vezes os pardos (que é a minha cor) são tratados como os negros (não tenho nada contra).

Muitas vezes muitos não conseguem trabalhar por causa da nossa cor.

E como pode se ver as pessoas que não são brancas, não tem muitas chances em lugar nenhum...

Amo a minha cor e não a trocaria por nada.

JA

Ja tem 15 anos, mora no Jardim Acapulco, seu pai é motorista e sua mãe doméstica.

A cor da pele em minha vida tem um grande significado porque você é julgado simplesmente pela sua cor.

Já fui vítima de preconceito racial, não diretamente, mas foi fácil perceber que naquela brincadeira “inocente” havia um certo preconceito.

Eu nunca tive nenhum tipo de preconceito com nenhuma pessoa, independente de sua cor, porque o que realmente importa, é se a pessoa é honesta, sincera, se ela é uma boa pessoa, pois a cor não fala nada.

E acho que quem sofre preconceito deve procurar seus direitos, para mostrar que ele é um cidadão como outro.

Foi importante destacar parte dos textos produzidos pelas adolescentes, pois, em sua maioria, esses textos indicam aspectos importantes relacionados ao preconceito, à discriminação e, por outro lado, ao remetimento a pertença negra como elemento constitutivo de suas identidades.

Essas construções das mulheres negras adolescentes contribuíram para a nossa seleção e elaboração das questões para as entrevistas, pois pudemos aprofundar aspectos relevantes de suas vivências enquanto negras.

3.2 Importância da história oral para o nosso trabalho

Buscar as percepções e reflexões das adolescentes negras sobre a importância do estigma e do estereótipo e as relações que contrapõem esse imaginário foi uma reconstrução importante de aspectos de suas vidas em que utilizamos os procedimentos da história oral. A história oral também privilegia a vivência de pessoas comuns; tanto quanto suas respostas a diversas situações. Sua importância, segundo Thompson

[...] pode estar, muitas vezes, não em seu apego aos fatos, mas antes em sua divergência com eles [...] a história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como são eles vivenciados e lembrados na imaginação. (THOMPSON, 1998, p. 184)

Conhecer e interpretar as leituras que as mulheres negras adolescentes fazem do contexto social em que estão inseridas é uma reconstrução da realidade que precisa ser considerada. É uma opção centrada na necessidade de acesso a experiências de vida determinantes em suas inserções nas diferentes esferas da realidade cotidiana. Faz sentido,

portanto, a opção pela história oral. Não imaginamos “chegar ao conhecimento pleno e insofismável da realidade”. Insinuamos, no entanto, poder conhecer versões propiciadas por “indivíduos sociologicamente qualificados e inseridos em uma dada conjuntura que deve ser considerada” (LANG et al, 1998, p.11).

As pesquisadoras do CERU, por sua vez, enfatizam a importância do referencial teórico, pois este deve ir ao encontro do problema da pesquisa e fornecer subsídios para a análise e interpretação dos dados, visando dar respostas ao problema que foi levantado. Diferenciam também as formas de “captar a palavra do outro” entendendo que nas histórias orais de vida o narrador tem a liberdade de contar a sua vida, fazendo a seleção daquilo que quer relatar. No relato oral de vida, o narrador tem liberdade de expressão, mas deve enfatizar certos aspectos. No depoimento oral “o objetivo é obter dados informativos e factuais, assim como testemunho do entrevistado sobre sua vivência ou participação em determinadas situações ou instituições que se quer estudar”. (LANG et al., 1998, p.12).

Segundo Silva, a história oral

Enquanto método qualitativo de coleta e análise dos dados, confere centralidade ao que os agentes sociais comunicam, compreendendo estes elementos como fundamentais para a reconstrução, compreensão e explicação de processos sócio-históricos. (SILVA, 1999, p. 116)

O autor diferencia em dois tipos as histórias orais:

[...] histórias de vida quando o objeto de estudo exige a reconstrução do conjunto da trajetória dos entrevistados e as histórias temáticas quando o objeto de estudo exige a focalização em temas que fazem parte da trajetória dos entrevistados. (SILVA, 1999, p. 119)

O autor insiste na importância de um referencial teórico para orientar a investigação para que os dados coletados não sejam apenas descrições dos relatos dos entrevistados. Assim sendo:

A História Oral pressupõe referenciais teóricos que balizem e conduzam os relatos no sentido da produção de “dados” capazes de responder aos problemas teoricamente construídos (SILVA, 1999, p. 123).

Silva fala sobre a questão da objetividade, argumentando que nenhuma metodologia pode ser encarada como tal, mas afirma:

[...] uma constante vigilância do pesquisador no sentido de exercer o maior controle possível (nunca total) sobre os fatores que contrapõem à busca (nunca completamente alcançada) da objetividade (...) mas, o emprego da História Oral sempre pressupõe o reconhecimento e valorização da subjetividade, das representações, como aspectos determinantes da vida social (SILVA, 1999, p. 123-5).

Essa subjetividade, segundo Silva é condicionada “pelas reações objetivas a partir das quais ela se constrói” (SILVA, 1999, p.125). Assim,

[...] procedimento de controle dos relatos visando a veracidade dos mesmos, mas não apenas isso, mas também “compreender porque a sua “versão” apresenta tais e quais aproximações e distanciamentos em relação aquilo que identificamos como verdadeiro” (SILVA, 1999, p.126).

Os relatos orais, para o autor, contêm informações válidas para o conhecimento sociológico, mas o seu sentido não está no relato em si, ele tem que ser “garimpado” pelos referenciais teóricos metodológicos.

Queiroz confere importância à história oral e a concebe como

[...] um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. (QUEIROZ, 1988, p. 19)

Segundo Queiroz, a coleta dos dados orais se dá através da entrevista, sendo esta um diálogo entre pesquisador e informante sobre um tema escolhido pelo pesquisador. Este dirige a entrevista e o informante discorre sobre o tema; o que experienciou, vivenciou, enfim as informações preciosas sobre o mesmo, e o pesquisador evita o que é desnecessário. Para a autora, história de vida e depoimentos orais são formas orais de captar informações. A história de vida é uma técnica em que o entrevistado relata as experiências de sua vida que considera significativas sendo mínima a interferência do pesquisador. Com relação ao depoimento, o pesquisador conduz a entrevista no sentido de canalizá-la para os aspectos que lhe interessam, ou seja, “acontecimentos que venham a se inserir diretamente no trabalho e a escolha é unicamente efetuada com este critério” (QUEIROZ, 1988, p.21).

Para Alberti a história oral

Dependendo da orientação do trabalho pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados [...]

Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 2004, p. 17-8)

Para Alberti, há uma estreita ligação entre história oral, biografia e memória, pois a história oral “privilegia a recuperação do vivido concebido por quem viveu”. Sobre a questão da objetividade, Alberti argumenta que esta

acaba por condicionar-se à competência, à sensibilidade e à honestidade do pesquisador na crítica interna e externa dos documentos que eleger e na determinação do peso (ou valor) de cada um deles no corpo de seu trabalho. (ALBERTI, 2004, p.23-4)

Brioschi e Trigo nos seus escritos sobre os relatos de vida discutem sobre a não neutralidade do pesquisador, argumentando que este tem sua visão de mundo. Assim

O processo de coleta de dados é percebido como um processo de comunicação e de interação social na qual a neutralidade da observação é substituída por um questionamento, envolvendo as condições da situação de entrevista, em todos os seus aspectos (BRIOSCHI; TRIGO, 1987, p.633).

Segundo as autoras, o pesquisador deve ter consciência das possíveis interferências que podem alterar a obtenção dos dados devendo ser consideradas no trabalho de análise e interpretação. A subjetividade do pesquisador está presente em todo o processo de investigação, portanto:

[...] os esforços não devem ser mobilizados no sentido de anular as “interferências” da subjetividade mas sim de conhecer e saber lidar com elas. [...]o compromisso com o conhecimento objetivo não implica necessariamente a anulação das crenças e das emoções do pesquisador (BRIOSCHI; TRIGO, 1987, p.634).

Elas observam que o indivíduo pesquisado não é o objeto de estudo; o objeto são as relações nas quais o indivíduo se encontra imerso, relações que não se apresentam de forma imediata à observação.

A relativa opacidade do objeto exige um trabalho de construção por parte do investigador, que, através de sua reflexão sobre as informações

disponíveis, vai construindo, paulatinamente, o objeto do conhecimento (BRIOSCHI; TRIGO, 1987, p.634).

As autoras tomam emprestada a leitura de Camargo, que entende a história oral como uma “técnica de coleta de dados que pode ou não ser usada dentro dos pressupostos da metodologia biográfica” (BRIOSCHI; TRIGO, 1987, p.635). Esta metodologia utiliza como técnica o relato de vida. Aqui o entrevistado é livre para falar sobre sua vida e o material coletado é “um discurso onde categorias, ordem cronológica e distribuição no tempo são dadas pelo narrador” (BRIOSCHI; TRIGO, 1987, p.636). Na narrativa o entrevistado é livre, e foca alguns aspectos ou períodos de sua vida, sendo mínima a interferência do pesquisador. É um testemunho que o sujeito dá sobre sua vivência e participação em determinada instituição, seja sindicato, partido político, comunidade de base, etc. Na utilização do método biográfico o pesquisado impõe sua visão pessoal e subjetiva aos fatos. Com relação à história oral as autoras entendem que essa utiliza as informações do entrevistado para

conhecer melhor determinado evento ou circunstância[...]um informante, é escolhido em função daquilo que sabe sobre o fato em questão[...]o cotejamento dos dados colhidos com outros documentos é fundamental nesses casos, uma vez que a veracidade é significativa para a pesquisa histórica (BRIOSCHI; TRIGO, 1987, p.635).

Vansina ao falar sobre as civilizações africanas da “palavra falada” enfatiza que numa sociedade oral a fala vai além da comunicação diária, é também “um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais [...] a tradição oral [...] pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas [...]. A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade (VANSINA, s/d, p.156).

Segundo o autor, o texto oral deve ser cuidadosamente examinado, pois o mesmo tem um amplo significado.

Logicamente, não podemos comparar em sua essência as sociedades africanas que são baseadas na oralidade, em que o modo de vida é transmitido de geração a geração, com as sociedades ocidentais que deixaram de utilizar essa forma de apreensão do conhecimento. Entendemos que a importância da oralidade, ou seja, no nosso caso, as falas das mulheres negras adolescentes transmitem algo. Devemos considerar os contextos

em que elas estão inseridas e captar aspectos que nos remetam a um conhecimento profundo das vivências dessas meninas, as relações que transcendem o universo imaginário vigente e colaboram para o fortalecimento da auto-estima.

Considerando o debate em torno da história oral, diagnosticado que alguns autores a entendem como método ou como técnica, tornou-se se necessário um posicionamento relativo a sua compreensão para nossa pesquisa. Uma vez que, conforme Santos Filho, **o método do conhecimento sociológico**

É uma estratégia que, a partir de certos pressupostos ontológicos, antropológicos e epistemológicos, comporta um conjunto de operações conceitualmente norteadas que fazem emergir como acontecimentos teóricos – os objetos do conhecimento pretendido pela sociologia. (SANTOS FILHO, 2001, p.)

Para a reconstrução de uma realidade a partir das representações expressas pelas mulheres negras adolescentes, sobre suas experiências de vida, a história oral como metodologia de pesquisa foi de fundamental importância. Fica implícito o reconhecimento de uma autonomia adolescente que as torna sujeitos da (re)elaboração de suas trajetórias de vida. Fica implícita também uma aposta no valor da subjetividade durante o processo de objetivação de uma realidade sócio-histórica vivida¹. Trata-se, portanto, de pressupostos que obrigam e abrigam a necessidade de instrumentos que abram espaços amplos de liberdade à expressão subjetiva. Daí a importância da história oral. Foi por meio da técnica de depoimentos dessas adolescentes que vimos propiciados o conhecimento da realidade vivenciada por elas, a leitura que fazem dessa realidade e os referenciais que utilizam para a contraposição e a subjetivação do ser mulher negra adolescente.

¹ É uma passagem de José dos Reis Santos Filho, utilizada com sua autorização expressa.

4 AS BASES IDEOLÓGICAS DA DISCRIMINAÇÃO

Elaborações forjadas no período em que africanos e descendentes foram escravizados e no período pós-abolição foram responsáveis pelas dificuldades dos negros na construção de “uma identidade coletiva, politicamente mobilizadora” (MUNANGA, 2004, p.55). A justificativa ideológica para escravizar os africanos consistia em afirmar a inferioridade de sua raça e cultura. Pós-abolição, a crença na inferioridade adquiriu uma nova roupagem mas não perdeu a essência do passado. Segundo Valente

Antes, era suficiente a coerção exercida sobre os escravos. Depois, em situação de igualdade formal, os negros poderiam ameaçar o monopólio de algumas posições ocupadas pelos trabalhadores brancos. Era preciso criar mecanismos de controle dos negros que preservassem privilégios dos brancos, em nome de uma desigualdade natural.(VALENTE, 2002, p. 31)

Intelectuais como Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Gilberto Freire, entre outros, se preocuparam com a discussão do Brasil enquanto povo e enquanto nação. Para a intelectualidade brasileira, a questão negra passa a ser pensada, suscitando vários estudos, mas grande parte destes influenciados pelo determinismo biológico.

Em sua maioria, aqueles intelectuais acreditavam na inferioridade da população que não tinha raiz européia. Foram influenciados pelas teorias racistas do século XIX. Ali, o biológico determinava a superioridade ou inferioridade dos indivíduos e essas idéias eram defendidas por cientistas que postulavam para os seres humanos uma classificação idêntica a de outras espécies.

Alguns, como Sílvio Romero, apostavam na formação de um tipo brasileiro - através da mestiçagem - como caminho ideal para o Brasil. “Todo brasileiro é um mestiço, quando não é no sangue, o é nas idéias” (ROMERO, 1975, p.13). Mas essa mestiçagem seria uma fase transitória, pois segundo Romero

O tipo branco irá tomando a preponderância, até mostrar-se puro e belo como no velho mundo. Será quando estiver de todo aclimatado no continente. Dois fatos contribuíram largamente para tal resultado: de um lado a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, de outro a imigração européia. (ROMERO, 1978, p.55)

Romero preconizava um tipo de brasileiro resultante da mestiçagem do negro, índio e branco cujo processo estava em formação. Mas, desse processo, a diversidade

racial e cultural desapareceria com a emergência de uma sociedade homogênea tanto biológica quanto cultural com a prevalência do tipo branco (MUNANGA, 2004).

Já Nina Rodrigues não acreditava na proposição de Romero, pois o negro e o índio são considerados por ele “espécies incapazes”. “Uma adaptação imposta e forçada de espíritos atrasados a uma civilização superior provocaria desequilíbrios e perturbações psíquicas” (apud MUNANGA, 2004, p.57). Para aquele intelectual, a raça negra, sempre constituiria uma ameaça no sentido de influenciar na criação de uma inferioridade do povo brasileiro. Baseado nas concepções dos dois pensadores, por um lado temos uma elite que aposta na miscigenação e na construção de uma nação futuramente branca, civilizada e progressista e, por outro, uma concepção segundo a qual a mestiçagem não deterá a influência do negro. Impossível, portanto, uma futura nação branca resultando, ao contrário, em um tipo “degenerado” e sem valor.

Rodrigues justifica os seus argumentos por meio da cientificidade da época. Em sua “contribuição para a construção da identidade nacional propõe: a criação de códigos penais diferenciados para brancos e negros, pois “as raças carregavam diferenças ontológicas fundamentais, era preciso separá-las judicial e fisicamente” (SCHWARCZ, s/d, p.161).

Influenciados por essa linha de pensamento, médicos do Rio de Janeiro se propunham a “melhorar a raça” com a utilização de técnicas para a hegemonia racial e, nesse sentido, intervir na realidade brasileira.

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, especialistas como Renato Khel advogarão a utilização de técnicas de eugenia e mesmo a esterilização de mestiços, sempre visando, nos termos da época “aprimorar a raça”. Utilizando argumentos e práticas de higienização, os médicos cariocas, vitoriosos depois das campanhas públicas sanitárias e da erradicação da febre amarela, passarão a priorizar a formação de uma “boa raça”, incentivando alguns casamentos e limitando outros, impondo práticas e costumes, estimulando certos hábitos e criticando outros (SCHWARCZ, s/d, p.162).

Entendemos que as duas correntes têm a mesma linha de pensamento no que se refere ao negro enquanto raça inferior e, de acordo com Sérgio Costa, esses pensadores brasileiros concordavam com a divisão da espécie humana em raças inferiores e superiores, destacando o branco nessa hierarquia como superior. Seguindo Costa

É verdade que, do ponto de vista do projeto de formação nacional, a variante otimista resolve o suposto dilema colocado pelo racismo

científico, ao vislumbrar uma saída biológica para o branqueamento paulatino da população. Os que temiam a mistura pelo risco da degeneração mostravam, ao contrário, a inviabilidade mesma da “nação mestiça”. Não obstante, da perspectiva do racismo científico e, se se quer, de uma moral humanitária, não há qualquer distinção entre as duas vertentes. Ambas acreditavam, com igual fervor, na desigualdade de fundo racial entre os seres humanos. (COSTA, 2003, p. 117)

Podemos perceber nessas teorias que os negros e os mestiços foram considerados aqueles que desviariam a nação, provocadores de males e retrocessos comprometendo a formação da identidade nacional. Comparado com as outras nações européias, o Brasil, com essa diversidade racial, ficaria aquém de um padrão de civilização considerado superior.

Desigualdades raciais advindas do período em que negros foram escravizados, foram transformadas em diferenças naturais e nessa nova ordem tais desigualdades permaneceram com respaldo da ciência. Assim, os conceitos do que seja ser negro e mestiço vão se reestruturando e se solidificando em todos os setores da vida econômica, política e social e justifica os lugares na sociedade.

A partir de 1930 temos uma reorientação política no país, sendo que para tal reorientação as teorias raciais do período anterior passam a ser reconstruídas. Gilberto Freire, em *Casa Grande e Senzala*, 1930, retoma a questão racial na discussão da identidade nacional, deslocando-a para a questão cultural. Segundo Freire, negros, índios e brancos contribuíram para a formação da cultura brasileira influenciando o estilo da sociedade escravocrata em relação à alimentação, vestimentas e sexo, sendo a mestiçagem um fator benéfico. A flexibilidade natural do português permitiu uma aproximação entre senhores e escravos. Freire argumenta que a escassez de mulheres brancas provocou um desequilíbrio entre os sexos e, decorrente disso, houve uma aproximação entre escravas negras e índias com os homens brancos, criando uma harmonia entre eles.

Dos cruzamentos raciais, originando a mestiçagem, essa relação, compreendida por Freire como harmoniosa, abrandava a escravização e a rígida hierarquia existente no período. Nesse sentido, a violência sexual praticada contra a mulher negra é colocada como predisposição natural para o sexo, como também é exaltada a relação tranqüila da ama-de-leite na *Casa Grande*. O português é dignificado por possuir “uma plasticidade social maior que qualquer outro colonizador europeu” (FREIRE, 1998, p.189).

O branco, o negro e o índio dessa mistura que deu origem à mestiçagem biológica e cultural foram forjadores de uma identidade que há muito tempo preocupa a

intelectualidade brasileira. Identidade essa constituída de forma amena em que não é considerada a relação social assimétrica do período escravocrata, nascendo assim o mito da democracia racial que marca até a atualidade o imaginário social brasileiro. De fato, as desigualdades entre brancos e negros são desconsideradas, e a sociedade brasileira é apresentada como harmoniosa, se comparada a outras nações. A questão da formação da nação brasileira torna-se resolvida através da fusão das três raças e a democracia racial propagada por Freire dissimulava o preconceito, a discriminação e o racismo.

Na escravidão, os negros foram encarados como não-humanos. No processo abolicionista sua participação foi neutralizada nos debates. Eles não puderam se manifestar em favor de um projeto político que colocasse sua integração como sujeitos da sociedade. Com a liberdade se viram numa sociedade estruturada em bases racistas. Para os escravizados, na colônia e no império, com a abolição e Proclamação da República, a situação não sofreu alteração. A exclusão permaneceu numa roupagem aparentemente nova, mas respaldada por leituras da sociedade herdadas do período da escravidão. Trata-se de um ideal de democracia racial colocado como mito por Florestan Fernandes (1965), uma farsa, sem existência real e na qual se disfarçava o preconceito, a discriminação e o racismo (GUIMARÃES, 2003, p.117).

O discurso da democracia racial, segundo Guimarães, vai ser combatido de forma mais contundente a partir de 1978 pelo Movimento Negro Unificado. Embora a denúncia do mito date de 1964, o período ditatorial impediu que houvesse no Brasil qualquer tipo de manifestação que questionasse a ordem vigente (GUIMARÃES, 2003, p.117). Mas a desconstrução intelectual da farsa da democracia racial não significou ainda a desconstrução no cotidiano das relações sociais. Nesse cotidiano estão visíveis as desigualdades entre brancos e negros.

Portanto, achamos importante fazermos uma breve discussão sobre raça e etnia, pois essa discussão está presente, devido a esse modelo de sociedade, nas falas das mulheres negras adolescentes que, como já vimos, nos obrigam a uma reflexão sobre esses conceitos.

4.1 Raça e etnia

As diferenças físicas entre as pessoas, repetimos, foram usadas para classificá-las e atribuir-lhes qualidades e defeitos. Considerada a discussão, o que parece estar em jogo é, na verdade, um imaginário construído em torno da idéia de raça. Ao que tudo indica essa

noção da zoologia e da botânica foi emprestada ao campo da biologia humana na segunda metade do século XVIII. As conseqüências dessa passagem ao terreno da caracterização dos seres humanos foram desastrosas. De acordo com Munanga ela

[...] não conseguiu explicar a variabilidade e a diversidade humanas, pelo contrário, desembocou numa classificação absurda que apenas hierarquizou a diversidade humana em três grandes raças desiguais, dando origem ao determinismo científico, ao determinismo ideológico que praticamente pavimentou o caminho da doutrina racista. (MUNANGA, 2004, p. 16)

Sempre existiu preconceito na humanidade, mas baseado na cultura. A partir do século XV, mesmo com sua conversão ao catolicismo, os judeus continuam a praticar seus ritos, levando os católicos a acreditar que o sangue dos judeus era diferente, que isso os impedia de se converterem. No mesmo período, os europeus chegam à África e à América e encontram seres humanos diferentes do que até então conheciam, pois a humanidade era a Europa. Chegam à conclusão que escravizar o africano era natural, com base na passagem de Gênesis, capítulo 9, versículo 25 em que o filho de Noé cometeu um ato imoral e foi condenado à escravidão.

Diante de tal realidade de exploração, aos poucos, foi construindo-se o conceito de Racismo que pode ser interpretado como uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos, partindo do princípio de que certas raças são naturalmente inferiores a outras, apenas porque apresentam cor de pele ou traços diferentes daqueles povos que se acham de “raça superior” (conceituações básicas sobre o racismo. (SECRETARIA de Estado da Educação, 2005).

As variações bíblicas e científicas da explicação das diferenças entre os homens, seus traços físicos e atributos supostamente indesejáveis são escolas que encontraram adeptos no Brasil. Apesar da desconstrução dessas teorias no século 20, pois cientistas comprovaram a inexistência de raças entre os humanos, a essência da mesma, ou seja, a ideologia da superioridade gera o preconceito, e a discriminação permanece latente no imaginário social. De acordo com Munanga

Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular, a raça não existe, na estrutura mental de várias populações contemporâneas, existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas, como a cor da pele. Raça é uma construção política e ideológica. (MUNANGA, 2004, p. 16)

Segundo o autor a utilização do conceito de raça na área de humanidades é feita com um conteúdo ideológico e político. De fato essas “raças fictícias” ainda fazem vítimas em nossa sociedade. É a partir delas que se reproduz e mantém o racismo.

Guimarães coloca o termo “raça” entre aspas buscando demonstrar seu caráter de construção social. Assim:

[...] “raça” não é apenas uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil, mas é também categoria analítica indispensável: a única que revela que as discriminações e desigualdades que a noção brasileira de “cor” enseja são efetivamente raciais e não apenas de classe (GUIMARÃES, 1999, p.50).

Guimarães enfatiza que a análise da categoria “cor” enseja a idéia de “raça”, pois quando as pessoas são classificadas pela cor é a “raça” que orienta tal classificação, ou seja, são os atributos transmitidos hereditariamente que indicam o ancestral cuja origem está numa das “subespécies humanas”. Quando as pessoas são classificadas como negros, mulatos ou pardos são orientadas pela idéia de “raça”. Portanto “raça” é um conceito sociológico que não reflete existência no mundo real, mas é um “conceito analítico nominalista no sentido de que se refere a algo que orienta e ordena o discurso sobre a vida social”. (GUIMARÃES, 2003, p.103-4).

No Parecer nº 003/2004 do Conselho Nacional de Educação de 10 de março de 2004 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana está assim colocado:

Se entende por raça a construção forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com freqüência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas como a cor da pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira.

Percebemos que essas linhas de pensamento não divergem com relação à utilização do conceito de raça na atualidade, retirado o seu caráter biologizante e dando ênfase às relações desiguais presentes na sociedade. A noção de raça não é mais reconhecida pela ciência, mas faz parte do imaginário social, pois negros, pardos e mulatos se encontram

em posições subalternas na sociedade e tal posição é justificada e orientada pela idéia de raça.

O emprego do termo “étnico-racial”, por sua vez, remete às tensões nas relações raciais devido às características fenotípicas e também à cultura de origem negra e africana. O preconceito, a discriminação e o racismo ocorreriam então, de acordo com Gomes

[...] não somente em decorrência dos aspectos culturais presentes em suas vidas, mas pela conjugação entre esses aspectos (visto de maneira negativa) e pela existência de sinais diacríticos que remetem esse grupo a uma ancestralidade negra e africana. (GOMES, 2001, p.84)

O termo negro, embora tenha sido utilizado negativamente no período em que homens, mulheres e crianças foram escravizados, permanece até hoje no imaginário social carregado de atributos depreciativos. Foi também ressignificado pelo Movimento Negro e utilizado em sua forma positivada por esse movimento, denotando pertencimento étnico-racial formador das identidades. Nesse processo, aqueles intelectuais, cuja preocupação era discutir a formação da identidade brasileira, foram criticados tanto quanto o mito da democracia racial.

O que nossa pesquisa parece ter demonstrado é que os estudos e as observações feitas por intelectuais que desconstrõem esse ideário da formação da identidade brasileira, desvelando as idéias racistas e sua permanência até a atualidade encontra-se na leitura que as mulheres negras adolescentes fazem da sociedade. Como veremos em detalhes elas revelam por meio de suas falas as elaborações que foram construídas em relação ao negro. Elas acompanham a desconstrução de um imaginário social permeado por valores negativos, desconstrõem, dessa forma, o mito da democracia racial e desvelam aspectos de uma sociedade cuja estrutura foi erigida em bases racistas. Demonstram que o preconceito vai além da classe social e que a sociedade utiliza o critério “cor da pele” para delimitar os espaços sociais. Nessa delimitação, os negros, mulatos e pardos ocupam os piores espaços. O que aqui percebemos, ademais, é uma tensão, pois as adolescentes mulatas e pardas admitem o preconceito, mas a mestiçagem proporciona uma diferenciação no tratamento quando comparada ao negro retinto.

4.2 A leitura das mulheres negras adolescentes sobre o preconceito e a discriminação na sociedade

Os valores hegemônicos, que são **brancos**, estão enraizados na mentalidade social. Nas escolhas, são esses os valores considerados, pois é o modelo legítimo em detrimento da diversidade existente no país. A relação entre o ser e o fazer é mediada pela cor da pele, sendo este um critério estabelecido para a vida em sociedade. No discurso do cotidiano impera o da democracia racial, mas nos momentos competitivos, por exemplo, esse discurso cai por terra e o preconceito e a discriminação sobrepõem a esse discurso e a ação da escolha é informada pelos estereótipos em relação ao negro. Assim, os espaços estão socialmente demarcados para esse grupo étnico, pois independente da formação, o ser negro é marcado por adjetivos que desclassificam e impedem a mobilidade social. E assim as mulheres negras adolescentes fazem a leitura da sociedade:

Muitas pessoas, com certeza, não levam a sério o que você faz. Até falam que não tem preconceito, mas a partir do momento que você coloca o branco e o preto e os dois têm a mesma capacidade, eles escolhem o branco (Ba)

[...] as pessoas têm aquele preconceito. A maioria vê o negro como uma pessoa inferior, ele não pode ser chefe, ser formado, ter mais dinheiro que uma pessoa branca. Libertaram o negro, mas não deram o respeito (Boá).

[...] vamos pegar um negro e um branco, eles têm o mesmo histórico, cursaram universidade, falam línguas, só que tem aquela coisa, o cara vai pensar: o que o fulano da outra empresa vai achar de ver um negro sendo chefe do departamento pessoal? O que ele vai pensar de mim?...ele acaba ficando com o branco, até, às vezes, menos qualificado que o negro. É muito difícil a gente ver um negro bem sucedido, tem esse preconceito ainda. (Ág)

Por ser negro, muitas vezes pensam que a gente não tem capacidade para algumas coisas (Jan)

A cor e o cabelo diferentes, como sinais de identidade, caracterizam a diferença e servem como parâmetro para inferiorizar os negros. A adolescente afirma que:

[...] não é porque a gente é de cor diferente, tem o cabelo diferente, que a gente tem que aceitar humilhações...(Mi).

Segundo as adolescentes, a origem do preconceito, da discriminação e do racismo está na escravidão. Atributos negativos foram forjados. Houve ocultamento de qualidades do grupo negro e exaltação do grupo branco no que se refere aos aspectos positivos e essa construção social foi sendo transmitida através de gerações.

De acordo com Valente a situação do negro na atualidade não difere muito daquela vivenciada no período da escravidão, pois segundo Valente

Se durante a escravidão os negros eram considerados “os de baixo”, hoje eles continuam na mesma posição. A inferioridade, antes estabelecida a partir de costumes diferentes e da “condição natural de escravo”, passou a ser definida a partir da cor. (VALENTE, 2002, p. 37)

Mas Valente argumenta que a explicação para a situação presente deve também levar em consideração a competição que os negros tiveram que enfrentar após a abolição com a presença do imigrante, já que ambos disputavam emprego, sendo a cor determinante na seleção dos trabalhadores livres.

Para mim, vem desde a época da escravidão, nunca mudou, melhorou, mas as pessoas têm ainda aquele preconceito... muitas pessoas pensam que são mais que eu só porque elas são brancas, mas não tem nada a ver isso (Boá).

Acho que vem de geração. Talvez por pensarem que um pode ser melhor que o outro (Ba).

Isso vem desde o começo da história do mundo, quando os descobridores vieram para cá, pelo fato de serem brancos. Acho que a sociedade é assim porque sempre acharam que os brancos fossem melhores que os negros (Ja).

Na luta por direitos, a experiência de Zumbi dos Palmares foi uma forma de resistência, a busca da liberdade. O ser humano não nasceu para ser escravo e quem definiu aquele modelo de sociedade, ou seja, a escravização de seres humanos tendo como parâmetro a cor da pele, foi o branco; esse grupo, julgando-se superior, assumiu o direito de submeter os negros as suas vontades.

No passado, para conseguirem serem livres tinham que fugir, como Zumbi fez, ir para os lugares só de negros...povo nenhum tem o direito de fazer o outro povo de escravo (Mi)

Segundo algumas adolescentes, aquelas que se auto declararam pardas, os negros retintos são mais discriminados que os pardos. A pele mais clara se afasta mais da

descendência africana e, portanto, do preconceito. Assim, em relação ao negro retinto, o pardo terá mais oportunidades na sociedade. É discriminado, mas de forma mais amena, o que indica a hierarquia de cores no Brasil.

O alvo maior de discriminação é o negro e na pirâmide das dificuldades, os pardos têm mais privilégios em relação a esse grupo.

[...] os africanos eram negros mesmo, os pardos não, são mais claros, assim não percebem muito que eles são descendentes, eu acho que tem muito mais preconceito contra os negros...difícil para eles tentarem uma oportunidade para os filhos e receberem um não, não porque eles não tem capacidade de aprender, de estar naquele mercado, é por causa da cor (Le).

O ideal da miscigenação continua presente na mentalidade social. Quanto mais o ser humano se afastar em termos de fenótipo do negro, mais oportunidades terá na sociedade.

[...] hoje em dia, a gente até escuta falar; ah vamos contratar esse ‘seis e meia’, ‘quinze para sete’. Com os pardos tem uma certa tolerância, entre aspas...acho que o Brasil é chamado o país das mulatas, dos morenos, apesar que na Europa não, as pessoas da minha cor parda sofrem uma discriminação absurda, aqui no Brasil, eles relevam um pouco, eu não sei explicar direito (Ág).

Quem é negro sofre muito mais preconceito do que quem é mulato, porque é pelo tom da cor. Por exemplo, as minha duas irmãs, elas são bem mais claras que eu. Eu acho que por isso elas nunca vão sofrer preconceito (Ja)

A discriminação também ocorre no interior da família. Aqueles de pele mais clara, tentam se destacar em relação aos de pele mais escura, provocando a punição daquele que discrimina e a resistência do discriminado no sentido de fazer emergir o sentimento de pertencimento naquele que se julga superior pelo tom da pele.

A negação da identidade causa indignação na adolescente e ela busca na lei a referência para a resistência que considera um avanço em termos de conquista de direitos para os negros.

A minha irmã menor é bem mais clara que eu e tem esse ar de discriminação. Eu falava para o meu pai e minha mãe e eles deixavam ela de castigo.

Eu falo para ela: Pára porque você não é branca nem um pouco.

O cunhado da minha mãe ele fala que é negro, mas não gosta de negro.

Eu fico indignada com essas coisas. Eu acho que se você é negro, tem que ter orgulho e lutar contra o preconceito, buscar direitos para que um dia os negros parem de serem discriminados.

Muitas pessoas que sofriam o preconceito não tinham para quem reclamar, até que fizeram essa lei e que beneficiou bastante gente.

Quem sofre preconceito deveria processar a pessoa que teve o preconceito contra ela. A pessoa deve saber dos seus direitos para quando sofrer o preconceito processar a pessoa, ir até o fim até que a pessoa receba o castigo (Ja).

A oscilação da adolescente entre o econômico e o racial com relação ao preconceito e a discriminação na sociedade demonstra, por um lado, que ela se remete à origem social como responsável pela discriminação, ou seja, o dinheiro é uma referência para a inclusão mas, por outro lado, enfatiza também o racial como um fator determinante da exclusão.

As pesquisas nos indicam que o maior índice de pobreza atinge a população negra. Segundo Henriques

Além do inevitável tamanho da pobreza, constatamos enorme sobre-representação da pobreza entre os afro-descendentes, considerando tanto a distribuição etária, como a regional e a estrutura de gênero da população. E esse excesso de pobreza, concentrado na comunidade negra, mantém se estável ao longo do tempo. (HENRIQUES, 2003, p. 14)

A adolescente relata:

Em muitos lugares o negro rico não sofre discriminação. É mais o negro pobre que sofre discriminação. As meninas brancas ficam com as brancas no intervalo da escola, agora a pessoa morena, de cor, para ficar junto tem que ter dinheiro...mas uma coisa puxa a outra, você pode ver tem uma branquinha ali e uma moreninha ali, você pode ver as duas nunca ficam juntas. Elas falam, não é igual a nós, ela é preta, ela é morena (Dé)

Nessa discussão de Dé, há uma tentativa de se sobrepor às meninas de pele mais escura, mas mesmo com o discurso de que no Brasil os mestiços são mais “bem aceitos”, o preconceito sempre aparece.

Eu não sou nem tão escura e sofro isso daí. Os outros falam de mim também, que é suja, isso, aquilo. Mas eu sinto pelas minhas amigas que são morenas e sofrem a mesma coisa, só porque são mais escuras (Dé).

A adolescente conclui que raça e classe caminham juntas. O negro é discriminado pela cor e também por ser pobre. Tem a percepção do preconceito racial que está diluído nas relações sociais.

Eu acho que é os dois, a econômica e a racial. A racial, as pessoas não colocam ali na sua frente, ela faz gesto, sai de perto de você com as amigas. Aí você vai percebendo, nunca falam nada, nunca chegaram perto de mim e falam você é negra. Só que a gente percebe, a gente não é boba, a gente percebe quando a gente está sendo excluída (Dé)

As falas das mulheres negras adolescentes sobre o preconceito e a discriminação na sociedade revelam que elas têm consciência das elaborações que foram forjadas em relação ao negro para inferiorizar e delimitar o seu lugar na sociedade. No desvelar dessa sociedade fazem uma leitura do passado na tentativa de buscar as origens do preconceito, da discriminação e do racismo, nada diferente enquanto conclusão daquilo que o Movimento Negro e a Academia nos mostram como verdadeiro.

Se posicionam, em sua maioria, de uma forma crítica ao padrão estabelecido e aquelas que pela cor da pele se auto-identificam pardas ou mulata estabelecem certa diferenciação, mas admitem que esse “grupo” também é discriminado. Assim, de acordo com Munanga

Os mestiços constituem pela sua importância numérica, a categoria social mais excluída e mais discriminada. Basta olhar a cor das vítimas do Carandiru, do Vigário Geral e da Favela de diadema para nos convenceremos disso. Esses mestiços de hoje constituem a população que mais cresce demograficamente, não são mais filhos naturais dos senhores de engenho que, segundo estudos anteriores beneficiaram de alguma proteção de seus pais. Eles ocupam, cada vez mais posição subalterna do negro, conjugando o critério da cor com o critério econômico. (MUNANGA, 2004, p. 116-7)

Importante destacar o nível de entendimento e informação dessas mulheres negras adolescentes que transcendem, no nosso entender, o discurso do senso comum ou mesmo aqueles mais elaborados que culpabilizam o negro pela situação que esse segmento vive e apregoam que há oportunidades iguais para todos. Elas desconstroem esse imaginário social, as dissimulações para encobrir o racismo e fazem emergir a essência da sociedade.

5 ESTIGMA E ESTEREÓTIPO

Consideramos que o estigma socialmente estabelecido em forma da cor da pele e os estereótipos construídos a partir dele, deram lugar à experiências de vida que podem ser expressas através das falas das mulheres negras adolescentes. São, portanto, categorias importantes para subsidiar nosso trabalho e dar um norte para a análise e as interpretações dos relatos das adolescentes. Estigma e estereótipo são, então, núcleos conceituais fundamentais para o entendimento da experiência e, através dela, portanto, do imaginário que a sustenta.

O imaginário social está povoado de representações que foram criadas, sedimentadas e transformadas em verdades quando se referem à população negra. Os indivíduos formados nesse contexto não escapam das armadilhas de tais representações, culminando em práticas preconceituosas, discriminatórias e racistas. As características fenóticas remetem às representações do imaginário sobre atributos negativos e depreciativos. Ser negro é estar sujeito, nas relações sociais, às teorias que foram elaboradas em relação ao negro quando o mesmo foi colocado como raça inferior. São representações naturalizadas no cotidiano. Tornam normal a desqualificação, o estranhamento, a não visibilidade em setores significativos, a exclusão.

O negro, carregado de atributos depreciativos, passa a ter algo que o torna diferente dos “normais”, ou seja, dos brancos, é uma pessoa visível através de seu estigma. De acordo com Goffman (1975, p.13) “o estigma será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo sendo preciso uma linguagem de relações e não de atributos”. Por sua vez, a utilização do estigma será indispensável para a criação de estereótipos. Deixamos de considerá-lo como quer Goffman “uma criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída” (p. 31.).

Estamos, portanto a um passo da representação do negro por meios de estereótipos. Conforme Bardin

a representação de um objeto (coisas, pessoas, idéias) mais ou menos desligada da sua realidade objetiva, partilhada pelos membros de um grupo social com uma certa estabilidade. Corresponde a uma medida de economia na percepção da realidade, visto que uma composição semântica preexistente, geralmente muito concreta e imagética, organizada em redor de alguns elementos simbólicos simples, substitui ou orienta imediatamente a informação objetiva ou a percepção real. Estrutura cognitiva e não inata (submetida à influência do meio cultural, da experiência pessoal, de instâncias e de influências privilegiadas como as

comunicações de massa), o estereótipo mergulha as suas raízes no afetivo e no emocional, porque está ligado ao preconceito por ele racionalizado, justificado ou engendrado”. (BARDIN, 1979, p. 51)

Considerado o imaginário social nesse quadro e seguindo Santos Filho (1993), não importa que uma determinada representação social estereotipada do estigma não esteja igualmente distribuída na sociedade. Não importa que um indivíduo determinado não tenha acesso imediato ao jogo de sinais atuantes no estereótipo. O que importa é estar virtualmente acessível. Trata-se de uma eficácia virtual cuja possibilidade está ligada a dois fatores de fundo. Por um lado, por ser uma representação construída a partir de elementos de um imaginário que está aí, disponível. Por outro, por remontar, de alguma forma, ao corpo de estigmatizado: a categorização social conta com o fato do indivíduo não poder deixar de carregar o atributo que o torna estigmatizado.

A mulher negra enfrenta uma agravante maior pelo fato de ser mulher e ser negra. Além das representações presentes no imaginário social com relação ao negro recai também sobre ela a discriminação na renda, na educação, na saúde e no trabalho, enfim em todos os momentos e espaços da vida cotidiana ela é vista como objeto sexual ou como protagonista de um trabalho doméstico sempre menosprezado.

É esse o universo que institui a situação de vulnerabilidade da adolescente negra. De acordo com as representações no imaginário social, ela não configura o normal, está aquém dos padrões e valores aceitos como normais pela sociedade e por conta dessa exclusão é legitimada a subalternidade de seu papel no meio social. Como é uma criatura “estragada”, é “natural” ser tratada como ser inferior, como é comum a naturalização das práticas cotidianas tanto nas expressões como nas ações.

Nas relações sociais estarão sempre presentes as representações estereotipadas, pois a cor da pele determina as formas de tratamento que vão desde uma sutil rejeição a espontaneísmos nos discursos que remetem a percepção do ser diferente, menor, feio. Do impacto do olhar emergem todos os atributos depreciativos que são canalizados para as atitudes e formas de tratamentos permeados de significados de negação do que seja ser negra. A cor da pele vai remetendo às outras características como a origem africana, a cultura, a tudo herdado de um povo que está na contramão da história em relação à civilização ocidental, considerada como modelo em termos econômicos, políticos, culturais e estéticos.

A superioridade do branco é manifestada de forma muito natural e o convencimento dessa “verdade” contribui para que não sejam alteradas as relações sociais.

O contato com esse mundo exterior impõe à adolescente negra uma disjuntiva em relação a sua identidade: pois de um lado, a negação do ser negra, de outro lado, ela é negra, tem descendência africana.

A saída será acreditar na sua inferioridade? Acreditar que as representações do imaginário social são verdadeiras? Que sua cor é feia? Que o seu cabelo é ruim? Que recebeu a herança de um povo atrasado? Que se parece mesmo com um macaco? Que não tem mesmo competência e habilidade para desempenhar certas funções e que diante de todos esses fatores tem que se conformar com um papel subalterno na sociedade? Ou, ao contrário, negando os valores depreciativos, se mobilizar para tentar viver em um mundo crítico a ter que se submeter à dominação racial e a constante afirmação de seu ser negro?

A vivência da adolescente negra em um mundo exterior que impõe imagens estereotipadas poderá provocar, foi uma hipótese, rupturas no seu eu no sentido de se contrapor a si própria, de negar a sua identidade, de estabelecer critérios valorativos que vão ao encontro das representações solidificadas no imaginário social e por eles pautar sua vida, sua existência. Na contramão a essa possibilidade, foi outra hipótese, ela pode contrapor os resíduos escravocratas presentes nas representações do imaginário social fazendo emergir um sentimento de pertencimento, de negação das representações estereotipadas e de identificação do ser negro com atributos positivados, transcendendo, assim, o conteúdo racista de um imaginário social que a localiza socialmente como menor.

Ser mulher negra adolescente, essa foi nossa hipótese central, é viver a tensão de fazer parte de um universo ‘simbólico e imaginário’ que nega o ser negra, subestima o seu potencial e, por outro lado, ter referências familiares que nortearão a formação da identidade negra, um elemento que permitirá julgar a própria veracidade dos atributos depreciativos.

Sugerimos, no início da pesquisa, que esses elementos críticos devem ter sido apresentados a essas adolescentes por meio da comunicação oral, característica da sociabilidade familiar. A comunicação oral é a forma de apreender e transmitir a realidade. É uma experiência de vida e, por meio dela, através de sua elaboração subjetiva, a mulher negra adolescente poderá adquirir condições para se contrapor a um discurso considerado legítimo e a dar significados à existência que promovam a construção da identidade étnico-racial. Segundo Thompson

[...] a categoria experiência compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social a muitos acontecimentos interrelacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento. (THOMPSON, 1981, p. 15)

De outra forma:

A experiência surge espontaneamente no ser social mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (não apenas filósofos) são racionais e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo[...] ocorrem mudanças no ser social que dão origem a experiência modificada, e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados (THOMPSON, 1981, p.16).

Se a experiência vivida pelas mulheres negras adolescentes no contato com o imaginário social hegemônico sofre com a presença dos estereótipos que estão presentes em relação aos negros, seria possível que experiências resilientes vividas no *locus* familiar desconstruíssem a superficialidade do discurso que sugere igualdade? É possível que tenha saído daí a consciência do tratamento desigual que é dado para aqueles que são diferentes do padrão hegemônico? Essa é a pergunta que deu origem a hipótese sobre o papel da família na construção de uma atitude resiliente por parte dessas meninas. Convém mostrar como essas adolescentes trazem à tona os discursos construídos que se generalizaram e se naturalizaram na sociedade.

5.1 A leitura das mulheres negras adolescentes sobre a imagem do negro na sociedade

A leitura que essas mulheres negras adolescentes fazem é que não há equidade de tratamento entre os diversos grupos que compõem o cenário social. Aqueles que são considerados diferentes do padrão colocado como normal sofrem o preconceito e a discriminação. A sociedade encara o negro de forma negativa e seu lugar na sociedade está delimitado há séculos, pois no passado, a escravização, a dicotomia senhor/escravo e, no presente, a marginalização e exclusão com novas formas de racismo incidem sobre a renda, educação, habitação e saúde.

Embora o paradigma científico do fim do século XIX que evocava a hierarquia das raças humanas tenha sido desconstruído, ainda permanece latente no imaginário social os estigmas e estereótipos que demarcaram a inferioridade de africanos e descendentes. Segundo Souza

Na ordem social escravocrata, a representação do negro como socialmente inferior correspondia a uma situação de fato. Entretanto a desagregação desta ordem econômica e social e sua substituição pela sociedade capitalista tornou tal representação obsoleta. A espoliação social que se mantém para além da Abolição busca então, novos elementos que lhe permitam justificar-se. E todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos limites estreitos da antiga ordem social. (SOUZA, 1990, p.20)

A leitura que as mulheres negras adolescentes fazem da imagem que o negro tem na sociedade é a de um imaginário que subestima sua capacidade e potencialidade. Há o destaque em aspectos considerados negativos e causa estranhamento quando há inversão desses papéis. A naturalização dessa situação causa imensos prejuízos para o negro, pois além das oportunidades serem negadas, as atitudes preconceituosas e discriminatórias afetam física, moral e psicologicamente o ser negro. Como o preconceito e a discriminação estão sedimentados no imaginário social, tornam-se um obstáculo para que as pessoas percebam que a diversidade existente no Brasil não significa inferioridade. Reproduz-se, assim, a percepção do negro enquanto ser diferente e do branco caracterizando o padrão da normalidade. Frente a isso as adolescentes reivindicam direitos, direito e respeito às diferenças, direito de terem oportunidades iguais; querem a desconstrução desse imaginário que desqualifica o negro e impede o desenvolvimento das

potencialidades e a conquista de espaços com igualdade de condições. Vejamos as formas por meio das quais essas idéias tornam-se materializadas:

As idéias preconceituosas para a adolescente podem se traduzir em paternalismo.

Muitas vezes é o incapacitado, o coitadinho, acham que não tem a mesma capacidade que o branco (Ba)

O estigma da cor da pele vem acompanhado do estereótipo do “ser negro” numa sociedade em que as desigualdades estão baseadas na raça e na classe social.

A maioria vê como vagabundo. Quando um negro se forma o vê como exceção. Quando um negro é rico, o vê como jogador de futebol, não tem cara de ser uma pessoa inteligente, que estuda, estranham quando o negro se forma em um faculdade (Boá)

O negro ainda não tem humanidade, pois era comparado a um animal; é como se esse pensamento permanecesse até a atualidade.

Agem como se eles fossem um objeto, que eles não têm sentimentos, que eles não têm vez na sociedade [...]quem eles traziam como animais eram os negros, eu acho que até hoje tem um pouco de racismo (Le).

Entre um branco e um negro, esse será considerado um marginal, imaginário forjado há séculos que se tornou um conceito generalizado na sociedade.

Eu acho que desde a colonização, que começou aquele processo de escravidão, o negro foi tarjado como bandido...os policiais nunca vão olhar um branco e falar: ah é um traficante, agora eles olham um negro que está saindo do serviço e batem geral, infelizmente é assim (Ág).

Nesse imaginário, no que se refere aos direitos, o negro está à margem.

Eles pensam que só porque somos negros não temos os mesmos direitos que eles porque são brancos (Pan).

A não visibilidade do negro nos vários setores da sociedade é justificada pela falta de competência para desempenhar certas funções.

Por se negro, muitas vezes pensam que não temos capacidade para algumas coisas (Jan).

Na prática as conquistas não se revelaram, pois há estranhamento com aqueles que diferem do padrão imposto.

Acho que cada dia que passa, mesmo dizendo que é crime você ter preconceito racial, mesmo assim as pessoas não respeitam o fato de você ter cor diferente, pega muito no teu conceito. Eu acho que a sociedade não sabe lidar com as diferenças que acontece (Ja).

Em alguns momentos, a adolescente sobrepõe o econômico ao racial e tenta demonstrar que essa é a causa da exclusão social, o que implica na hierarquia também entre os pobres.

Se é uma pessoa com dinheiro, bem sucedida, aí é uma pessoa boa. Mas se é pobre, não vem para a escola de carro, é uma pessoa tranqueira, maloqueira, não pode andar junto.
Se a pessoa é pobre, não tem condições de vida, aí eles deixam a pessoa de lado (Dé).

Elas trazem também nas suas experiências os estereótipos que se concretizam na ação, ou seja, se tornam mais eficazes quando transcendem da teoria à prática se remetendo de uma forma direta ao corpo do estigmatizado.

O impacto é profundo, pois o corpo e a mente sentem os atributos negativos. A cor carrega esses atributos e nas relações estabelecidas o estigmatizado percebe como o outro o enxerga, quais foram os (pré) conceitos criados e reproduzidos por esse outro a seu respeito. Essa experiência provoca várias sensações nas adolescentes. A auto-estima é abalada e percebem que nesses contextos não estão representadas. Permanece a vergonha, a revolta, a indignação, mas, como vimos, além disso, os questionamentos sobre esse imaginário social que permeia suas vidas.

5.2 Experiência na pele: preconceito e discriminação

As entrevistadas expressaram as experiências que tiveram com o preconceito e a discriminação. Sem exceção, as que se auto-identificaram como pretas, negras, mulatas, de cor, pardas vivenciaram essas experiências. Elas deixaram marcas em suas vidas. Nas brincadeiras infantis, no espaço escolar, de lazer, e outros, essas adolescentes enfrentaram atitudes preconceituosas e racistas. Mesmo aquelas que acreditaram, talvez, estarem ilesas das práticas discriminatórias foram levadas a refletir sobre o “ser diferente” daquele grupo considerado “normal” na sociedade.

Cada uma das adolescentes tem sua história, elas se mesclam, possuem elementos que as aproximam, pois todas vivem em uma sociedade em que embora já denunciada, ainda lateja o mito da democracia racial ao lado de práticas preconceituosas e racistas naturalizadas e distribuídas no imaginário social.

Nos contextos em que essas adolescentes estão inseridas elas não estão representadas. Tais contextos têm um significado que é reflexo daquele que foi edificado por meio de relações desiguais tendo como paradigma um modelo de ser humano homogêneo, universal e branco. Diante das práticas de preconceito e discriminação, as adolescentes que foram vítimas, em um primeiro momento, não reagem perante o agressor. Esse é o vencedor e confirma a sua supremacia perante o considerado **diferente**. O que permanece nos discriminados é a angústia, a auto-estima abalada e o sentimento de que ser diferente para o grupo opressor significa anormalidade, pois é visível a cor do negro e essa marca vem carregada de estereótipos.

O relato das adolescentes nos revela a tentativa de ofender e menosprezar, remetendo à origem e a pigmentação na comparação com outros seres.

Quando eu era menor, os próprios amigos me chamavam de macaca, neguinha (Ba).

As práticas consideradas negativas são generalizadas, ou seja, são atribuídas aos negros. Essas atitudes preconceituosas causam revolta e indignação, mas não encontram ressonância, pois aqueles que também poderiam trabalhar no combate ao preconceito, discriminação e racismo se omitem contribuindo para que essas relações não se alterem.

Na realidade, os próprios membros familiares mostram-se impotentes para respostas adequadas a situações em que, no espaço público, as atitudes de discriminação caracterizam crime com autoria e cumplicidades reconhecidas.

Nessa escola, no meio do ano, eu acabei até chorando. Tem uma casa que fica na frente da minha classe que é no térreo e não dá para ver a rua. O pessoal da classe de cima fica zoando com o pessoal da casa e a mulher que mora na casa veio reclamar na escola. Eu estava sentada no corredor a espera da minha mãe pois estava doente. A mulher chegou e falou assim para o diretor: “tem gente me xingando lá da janela da escola” Ela olhou para mim e falou: “é tudo neguinha igual a essa aí, ela também estava no meio”

Eu retruquei com ela, mas fiquei brava, indignada porque o diretor não fez nada.

Quando um negro faz alguma coisa, vira aquele neguinho fazendo alguma coisa, ela me ofendeu e o diretor não fez nada, eu achei um desaforo, pois

minha mãe me ensinou que a gente não deve ficar xingando os outros no meio da rua.

Minha mãe falou para eu deixar quieto que era gente inferior. Eu procurei até esquecer, mas no dia eu fiquei muito chateada (Boá).

O racismo é cruel e desde a infância a criança negra tem essa percepção e carrega esse sentimento. Como já foi mencionado, o “lugar do negro” está determinado, lugar esse que corresponde aos estereótipos presentes no imaginário social. Mas, a vitória para a adolescente é reverter a situação imaginada e mostrar que tem capacidade para seguir outros caminhos que a enaltecem como ser humano.

Eu morava no bairro do [...] e lá tem uma vizinha da minha avó que desde pequena nunca gostou de mim. Eu não sei se é por causa dela ser racista, ou o que é. Ela é branca, casada com negro e os filhos dela são todos negros. O marido dela já morreu. Ela sempre falava para mim “ai sua negrinha”, e a gente nem conversa por causa disso. Ela sempre falava para a minha mãe: “sua filha vai ser uma biscatinha”. Só que agora, a neta dela que é branca trabalha no Comendador² e eu vou para a escola e fico estudando sossegada. O filho dela que é da mesma cor que eu está em coma numa cama.

Ela sempre foi amiga da minha mãe, mas ela nunca me pegou no colo quando eu era pequenina. Às vezes minha mãe precisava sair de madrugada por causa do meu irmão, eu ficava com ela e ela judiava muito de mim. Depois de maior tempo que minha mãe foi descobrir que ela não gostava de mim e que judiava de mim (Dé).

Ser negro é ser diferente do eleito, que é sinônimo de normal, portanto, o tratamento é diferenciado e, nesse tratamento, está imbuído o conceito de negro. Um pré conceito que se naturalizou como conceito e se tornou legítimo para grande parcela da população. Assim, nas relações cotidianas, o tratamento é de subestimar e deixar demarcada a anormalidade do “ser negro” quando comparado ao branco. A indignação silenciosa e a baixa auto-estima muitas vezes são as respostas. Quando gritam por direitos são silenciados e a impunidade e os estereótipos permanecem latentes.

As marcas perseguem o discriminado, este, por um tempo, acredita que aquele que discrimina está correto até perceber, por meio da motivação familiar e de amigos, que essa construção foi forjada em relação aos negros.

Estava meu pessoal em casa, minha família e minha mãe pediu para eu comprar uma latinha de milho verde no único mercadinho que estava aberto no bairro. Quando eu entrei o dono do mercadinho falou: “o que

² Comendador é uma casa noturna de *strep tease*

“você quer Panelinha?” Eu falei, meu nome não é Panelinha, é P. Ele falou: “Ah procura aí! Eu entrei e minha prima começou a brincar no orelhão e ele pensou que minha prima estivesse ligando para a minha mãe para ela vir para o mercado porque ele estava tirando uma com a minha cara. Quando eu saí ele disse: Ah sua negrinha, sai por aí derramando carvão. Eu fiquei maior triste né, porque ele é branco ele não tem esse direito. Mas como eu não sabia nada, eu nem reagi, abaixei a cabeça e fui para casa.

Cheguei em casa e não falei nada para a minha mãe, almocei e fiquei no quarto. Aí minha mãe mandou eu ir comprar sorvete e eu falei que não iria porque tinha que passar do mercadinho. Ela perguntou o motivo e eu contei o que tinha acontecido e comecei a chorar. Ela chamou a polícia, mas como já tinha passado um tempo, os policiais não puderam fazer o BO, pois o mercado já tinha fechado.

Minha mãe foi no advogado, aí abriu um processo, mas nem deu, pois minha mãe acredita que o dono do mercado comprou o advogado.

A minha mãe deixou por isso mesmo e entregou nas mãos de Deus, a justiça aqui na terra não fez, mas Deus vai fazer.

Isso aconteceu quando tinha onze anos. Eu fiquei muito triste, pois pensava que seria marcada pelo resto de minha vida. Fiquei um bom tempo sem passar em frente do mercado. Comecei a passar quando eu tinha uns quatorze anos. Eu fiquei com medo que ele fizesse alguma coisa, alguma malvadeza comigo.

Eu comecei a passar porque meus amigos me puxavam e diziam se ele mexesse comigo, estaria mexendo com eles também. Agora eu passo de cabeça erguida.

Eu comecei também a ver jornal, televisão e me ajudou a ter a certeza que ele não é mais do que eu porque é branco.

Mas antes eu só chorava, porque a maioria da minha família é negra, aí eu ficava com vergonha de ser negra.

Eu também fiz essa redação para o meu professor e ele me chamou para fazer teatro. Ergui a cabeça e parei de chorar e ver que eu tinha valor, não só o branco.

Minha avó é da sua cor (cor da pesquisadora), meu tio também, e me ajudaram bastante (Pan).

Aquelas que se auto-identificam pardas e mulatos entram em conflito, pois pela pigmentação tentam se distanciar do negro e, muitas vezes, não têm a percepção de que também sofrem o preconceito. Nas situações em que são discriminadas pelos brancos, a origem negra é evidenciada. O impacto é muito forte, pois essas meninas viviam a ilusão da proximidade com esse grupo em termos de aceitação e de direitos. Assim, percebemos que o distanciamento da origem funcionaria como um “amortecedor” para os conflitos raciais. É a ideologia do branqueamento que está presente no imaginário social levando muitos descendentes de africanos a negarem as suas raízes. Vivenciada a situação de preconceito e discriminação há o impacto, mas a reação da adolescente é o disfarce, como se não fosse com ela, mas impossível negar, no entanto, o questionamento sobre os lugares socialmente reservados para os brancos e para os negros. Ser chamada de negra causa desconforto à jovem parda, pois pela pigmentação, ela não quer ser incluída nesse grupo.

Embora valorize sua descendência, há outras identificações que ela quer destacar, pois isso significa inclusão. Mas a realidade a conduz a uma contradição entre ser descendente de africanos e a sua pigmentação. Mesmo que ela estabeleça essa diferenciação, as duas marcas são consideradas em vários momentos da vida por aqueles que têm o padrão hegemônico como referência.

Eu estava numa festa com mais duas colegas da minha cor. Nós estávamos dançando e passou um grupo que começou a falar: “nossa! Aquelas negrinhas ali dançando!, ai credo, não sabem se vestir! Ficaram falando que ali não era lugar para negros. Eu fingi que não era comigo, continuei a dançar e ficava dando risada.

Eu nunca mais voltei lá pois marcou bastante. Não tem lugar para aquela cor! Não tem música para aquela cor! Você tem que se divertir do mesmo jeito que os brancos se divertem. Eles podem ter um pouco mais de renda, mas não é porque você é pobre ou porque você é negro que eles têm que te ignorar.

Eu senti, mas não é porque você não gosta de negros, pelo contrário, eu acho muito linda a cor, mas se você é amarelo, você não quer ser chamado de negro. Eles não queriam que os chamassem de amarelo sendo que eles eram brancos.

Eu achei que isso mexeu comigo (Le).

O referencial branco perpassa todas as gerações, está distribuído, independente da faixa etária. A exclusão causa estranheza na menina que tentou se incluir espontaneamente nas brincadeiras infantis em que as crianças eram brancas. Essa atitude provoca questionamentos e, no acontecimento, por mais simples que tenham sido os estímulos familiares, esses constituíram apoio para a discriminada.

Eu era pequena e lembro que me marcou muito. Eu tinha uns dez anos e fui numa festinha da neta da vizinha da minha avó. Eram todas crianças brancas e eu era a única parda. Cheguei brincando e elas tipo “nossa”. Eu senti que houve aquela distância, lembro nitidamente. Fui embora e falei para a minha mãe que não queria ficar.

Eu me assustei porque imagina uma criança de dez anos. Nossa! Será que eu estou com um chifre?

Depois eu fui vendo que na verdade era uma coisa dos pais. Os pais de alguns deles são bem preconceituosos e infelizmente foram passando para os filhos.

Mas foi estranho porque primeiro eu levei um choque, chegar a ser excluída por crianças!

Eu comecei a perguntar para a minha mãe o porquê que elas não queriam brincar comigo e ela falou que às vezes era porque os pais tinham ensinado a eles que o diferente tinha que ser tirado de fora. Ela falou: “nunca tenha vergonha do que você é” (Ág).

Vários pesquisadores denunciaram os conflitos raciais no ambiente escolar. De

forma declarada ou não, esse ambiente é também o palco de relações desiguais em prejuízo do negro. A educação não leva em conta a diversidade étnica existente no Brasil e, dessa forma, colabora para a formação de seres humanos que reproduzem preconceitos e discriminações e para a baixa auto-estima dos alunos e alunas negras levando-os a repetência e reprovações.

As pressões por mudanças que contemplem a diversidade étnico-racial se intensificaram nas últimas décadas no sentido de eliminar muitas distorções que vão desde a baixa escolaridade do segmento negro, comprovado por pesquisas, até a inclusão da temática no currículo escolar.

Henriques, ao falar sobre a desigualdade racial, aponta a defasagem na escolarização dos negros no Brasil. Segundo o autor

Apesar da melhoria nos níveis médio de escolaridade da população brasileira ao longo do século XX, o padrão de discriminação racial, expresso pelo diferencial na escolaridade entre brancos e negros, mantém-se perversamente estável entre as gerações. De fato, a escolaridade média de um jovem negro com 25 anos de idade gira em torno de 6,1 anos de estudo; um jovem branco da mesma idade tem cerca de 8,4 anos de estudo. O diferencial é de 2,3 anos. (HENRIQUES, 2003, p. 15)

Cabe destacar uma das respostas às reivindicações, que foi a inclusão do tema “Pluralidade Cultural” nos Parâmetros Curriculares Nacionais, como um tema transversal.

Embora seja uma conquista do Movimento Negro para a sociedade suscitou questionamentos tal transversalidade.

Consideramos um avanço significativo a criação da lei 10639/03, que instituiu o ensino de História Africana e Afro-brasileira nas escolas para ajudar no combate ao preconceito e a discriminação nessa espaço, mas, por outro lado, consideramos também que para obtermos sucesso é necessário a formação do professor no sentido de fazer uma leitura das instituições sociais, desconstruir a “naturalização” das relações permeadas pelo preconceito, discriminação e racismo, refletir sobre uma prática educativa em que a diversidade que compõe a sociedade seja representada.

Reconhecer que a nação brasileira não é homogênea, e a representação que temos corresponde apenas a de um grupo étnico em detrimento dos demais, é um passo significativo para a eliminação das relações desiguais no cotidiano escolar.

A pretensa neutralidade da escola tem causado muito prejuízo ao segmento negro. A fala das entrevistadas nos revela esse quadro que nos informa o quanto esse espaço de

socialização está permeado por relações em que os estigmas e estereótipos se fazem presentes anulando o ser negro. E a naturalidade do ato de discriminar quase convence o discriminado, ou seja, quase se transforma em verdade para aquele que foi discriminado devido à sensação que provoca.

Muitos dizem não serem preconceituosos seguindo a tradição do Brasil onde impera a **democracia racial**, mas a todo o momento esse preconceito se revela e a essência do indivíduo formado nessas relações mediadas pelo preconceito, discriminação e racismo emerge provocando sentimentos desagradáveis no discriminado, abalando sua auto-estima e, por outro lado, também o levando a uma reflexão sobre os seus conceitos.

Parece uma coisa meio boba, mas me chocou bastante. Na minha classe, chegou um bilhete em minhas mãos de uma menina que era minha amiga me chamando de urubu.. Eu perdi a amizade porque achei uma coisa absurda, fiquei pasma porque seria a última pessoa que eu imaginaria que faria aquilo comigo. Ela sempre falava que não tinha preconceito. Mas no fundo tinha. Senti muito mal, fiquei chateada, cabisbaixa, foi a pior sensação possível. Eu já tinha visto esse negócio do preconceito, mas eu achava que nunca fosse acontecer comigo. Foi naquele momento que eu percebi que o preconceito estava bem próximo de mim.

Uma pessoa que eu considerava minha amiga fazer isso comigo! Será que ela não gostava de mim? Fingia que gostava só para me agradar? Será que ela pensava isso de mim mesmo?

Eu pensei em ir para a polícia fazer um B. O. contra ela.

As pessoas têm a cabeça muito fechada sobre isso, não evoluíram (Mi).

O destaque do negro incomoda aquele que não consegue perceber as aptidões e habilidades desse grupo

Eu estava na segunda série, tinha mudado para o estado de São Paulo e fazia poucas semanas que eu estava estudando naquela escola. A gente estava brincando, jogando voley. Eu estava jogando normal e tinha uma menina que não sabia jogar muito bem. Eu comecei uma série de saques e estava fazendo bastante ponto. A menina queria sacar, mas na ordem do jogo enquanto você não erra o saque, a mesma pessoa continua sacando. A garota começou a ficar irritada e falou: “sai daí sua neguinha”!

Como eu era criança, fiquei muito sem graça, mas os amigos de verdade começaram a me apoiar (Ba).

Ser excelente aluna, ajudar os colegas em suas necessidades, essas boas qualidades não são os requisitos necessários para tornar os negros iguais aos brancos, como talvez pensasse essa adolescente. Ela se deparou com essa verdade e se conscientizou de que era diferente e que, mesmo sendo solidária com a classe, não seria uma exceção, pois em uma situação organizada todas as qualidades que ela tinha como essenciais para ser considerada

igual aos brancos foram deixadas de lado e a marca do “ser negro” veio à tona. É provável que os efeitos sejam muito mais dramáticos para aqueles que não tinham uma percepção crítica do problema.

Não que foi um preconceito direto, mas há uns dois anos, sofri uma brincadeira em sala de aula. Um grupo de garotas na sala começou a colocar apelidos em todo mundo. Viam as características e colocavam os apelidos. Para mim falaram que eu era esqueleto queimado. Achei isso uma forma de preconceito pois só porque sou magra e de pele mais escura, eles acabaram fazendo isso?

Fiquei chateada com eles. O professor pegou a lista e levou para a diretoria e o castigo dos diretores foi fazer eles limparem a escola.

O preconceito não foi só em mim, foi na sala inteira, pois eles viam o que a gente tinha, não de defeito, mas o que chamava mais atenção e colocavam apelidos.

Eu pensei que eles me deixariam fora dessa brincadeira, porque eu sempre ajudava quando eles precisavam.

Depois disso, eu me olhava no espelho e falava: “será que eu sou tão diferente assim? (se emociona e chora).

Antes disso eu não conseguia ver uma diferença entre eles e eu. Eu sempre respeitei as pessoas e as pessoas me respeitavam, então, até o fato ocorrido, eu nunca me senti diferente. Nessa brincadeira eles me mostraram como eles me viam, então eu fiquei com isso: será que eu sempre vou sofrer preconceito?

Quando você foi na sala de aula pedir para fazer a redação, aí voltou esse fato que tinha ocorrido na sétima série.

Hoje eu percebo que sempre tem dois lados da moeda, as pessoas te olham como você é, e as pessoas te olham pelo que elas acham de você. Antes de te conhecer, te julgam. Eu nunca julguei ninguém.

Quando a gente começou a conversar depois do ocorrido, eu tinha muito medo de me aproximar deles e acontecer de novo, eu tinha medo de sofrer novamente o preconceito. Mas agora eu sou respeitada. Se tiver preconceito contra mim, eu nunca percebi. Com esta classe não tive discriminação ou algo parecido (Ja).

Muitos professores estão despreparados para trabalhar com alunos ativos e comunicativos. É o que aponta esse depoimento em que a auto-estima é trabalhada na família e, quando a mesma chega à escola, há um impacto em que os dois espaços de socialização se confrontam. De um lado, temos o incentivo e a valorização do ser negro, a desconstrução dos estereótipos e, do outro lado, na escola, o não entendimento dessa pertença. De acordo com Munanga

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes

ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. (MUNANGA, 2001, p.8)

A adolescente sente a tentativa de anulação, retrocede e a família tenta em seu discurso, motivá-la para que siga em frente, pois as estratégias familiares também estão relacionadas a fazer a adolescente acreditar no seu potencial e ter um bom desempenho escolar.

Quando eu estava na quarta série tinha uma professora que eu acho que me odiava, definitivamente me odiava. A minha mãe chegou a conversar várias vezes na escola.

Eu era representante da classe e ela achava um desaforo eu me dar bem com a classe inteira e sempre implicava comigo.

Eu sempre joguei voley e na minha classe todo mundo brincava; “ah, cair na classe dela, a classe vai ganhar”.

Então eu tinha uma “popularidade” na escola e ela deixava claro que me odiava.

No ano passado, a professora de português me perseguia. Eu sempre gostei muito de português, sempre fui muito bem nessa matéria, aí, eu comecei a me prejudicar porque definitivamente ela me perseguia, pois qualquer coisa deixava claro que a culpa era minha, porque era negra, fazia questão de deixar claro que era por causa disso.

Eu tinha aquele sentimento, por que comigo? Só por causa da minha cor?

No meio do ano a professora saiu e o meu rendimento aumentou horrores.

Elas nunca falavam na minha cara, mas sabe quando a pessoa deixa claro que não gosta de você porque você é isso?

Na quarta série eu era mais nova, eu sempre chorava por causa disso.

Minha mãe sempre fala para mim “faz o seu”. Então eu procuro estudar, eu nunca fui má aluna. Eu gosto de conversar com todo mundo da classe, ter amizade com todo mundo, jogar voley, ser capitã do time. Eu procuro não me achar inferior por causa dessas coisas.

Eu penso: Por que as pessoas têm esse sentimento em relação aos negros?
(Boá)

As mulheres negras adolescentes entrevistadas mostram a essência da sociedade. Desvelam a imagem do negro que foi construída e distribuída no imaginário social. É uma denúncia que fazem, pois além de trazerem à tona essa imagem social e historicamente construída que estigmatiza o negro retratam as suas experiências decorrentes dessa imagem.

Foram colocadas na categoria de “anormais” devido ao padrão dominante e o impacto que tiveram as levaram à frustração e indignação. Cada uma delas com reações diferenciadas como: o retraimento, a vergonha, o choque e a raiva, pois pelo fenótipo foram construídos atributos que as subestimam perante outros considerados belos e verdadeiros.

Mas consideramos que elas, as mulheres negras adolescentes, reagem perante esse imaginário que está impregnado no modo de ser da sociedade, buscam romper com essa história que as inferioriza e, nesse confronto, tentam configurar uma imagem positiva do ser negro.

6 O LUGAR DO NEGRO: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DOS DADOS

Não parece temerário supor que, como ocorre com o resto do país, em Araraquara, a população negra é o grupo que “tem sido, ao longo de nossa história, a maior vítima da profunda desigualdade racial vigente em nossa sociedade”. (CASTRO, s/d., p. 5).

Segundo dados do DIEESE, considerando os diferentes ramos de atividades, a proporção de pretos e pardos é maior nos ramos agrícolas, construção civil e prestação de serviços, enquanto os brancos estão mais presentes na indústria de transformação, no comércio de mercadorias, na área social e na administração pública.

Quanto à posição ocupada no trabalho, 13,7% dos pretos e 9,1% dos pardos trabalham, por exemplo, em serviços domésticos, enquanto a proporção de brancos na mesma posição é de 6,3%. Por outro lado, em regime estatutário e como empregadores, há mais brancos (7,3% e 5,8% respectivamente) do que pretos (6,1% e 1,3%) e pardos (5,3% e 2,3%). (IBGE. PNDA 2001).

Com relação às condições de vida, os níveis de pobreza e indigência mostram que os pardos e pretos vivem em condições mais precárias do que os brancos. 48,4% dos pardos são pobres e 22,3% indigentes; as proporções entre pretos são 42,9% e 18,3%, de pobres e indigentes respectivamente; enquanto 22,6% dos brancos são pobres e 8,1% são indigentes (DIEESE, 2003).

O rendimento médio mensal das famílias chefiadas por pretos e pardos que recebem mais que três salários são de 7,7% e 7,6% respectivamente, enquanto que entre os brancos, 25,2% estão nessa faixa salarial. Por outro lado, 26,2% das famílias com chefes pretos e 30,4% com chefes pardos recebem menos que meio salário mínimo, e a proporção de famílias com chefes brancos, nessa situação, é de 12,7% (Fonte IBGE síntese de indicadores sociais, 2000 – Elaboração DIEESE).

Estes são alguns dados significativos para percebermos que o fenótipo que remete à pertença negra se faz presente indicando o lugar subalterno reservado a esse grupo étnico-racial na sociedade. É algo, também aqui, cuja radicalidade chega ao extremo quando o foco de atenção é dado à mulher negra. Sua expectativa de vida é cinco anos menor do que a da mulher branca. Os domicílios chefiados por elas – 34,2% do total de mulheres negras – “são os mais pobres, além de terem aumentado mais do que aqueles chefiados por mulheres brancas”. (CASTRO, s/d., p. 8). “Nos serviços domésticos as negras representam 32,5% e as brancas 12,7% e em atividades como serventes, cozinheiras e lavadeiras/passadeiras o percentual para negras é 16% e 7,6% para as

brancas”³.

No que se refere à saúde, as pesquisas também apontam “diferenças entre negros, pardos e brancos nas taxas de mortalidade, nupcialidade e fecundidade nas questões que envolvem as práticas de amamentação, na prevalência de doenças como hipertensão arterial, anemia falciforme e diabetes”. (BATISTA, 1996, p.3) De fato, na falta de informações, atendimento digno e uma política que leve em consideração as doenças que afetam especificamente, a população de mulheres negras se confronta também, na área da saúde, com a discriminação.

Estudos indicam que nos últimos anos as mulheres negras têm investido na formação. Mas, os estudos também constataram que se houve ganhos, em termos de escolarização, persiste. Segundo Bento,

[...] o fosso econômico entre homens e mulheres negras e homens e mulheres brancas[...]o lugar ocupado pela mulher negra no trabalho evidencia que independente do nível educacional, cores diferentes determinam diferentes ocupações (www.alternex.com.br/~ceap/pesqnegr).

Ainda que indicativo, esse é um quadro insuficiente para uma caracterização adequada das condições de existência da mulher negra no município. Acreditamos que essa leitura em nível geral permite uma aproximação ao nível local, pois os estigmas e estereótipos em relação à população negra estão disponíveis e generalizados, causando grandes desvantagens para esse segmento que há muito vem sendo excluído.

6.1 O negro em Araraquara

A história da população negra de Araraquara⁴ não difere da história do restante do país; escravização e marginalização. Um passado que tem reflexos no presente: no regime escravocrata o negro era força de trabalho bruta e no pós-escravização, a exclusão do mercado. Nos primórdios de Araraquara, fazendas de criação de gado. Em meados do século XIX, o café. No princípio, a mão-de-obra era dos escravizados, com a extinção do regime passou a ser dos imigrantes europeus.

³Trecho do artigo “Mulheres Negras e Branquitude” de Maria Aparecida Bento.

⁴ Araraquara, antiga “Freguesia de São Bento de Araraquara”, cidade do interior Paulista, localizada a 273km da capital.

Conforme nos relata Tenório (2004), não há pesquisas, por exemplo, sobre as atividades que os negros exerciam pós-abolição em Araraquara. A autora tenta reconstruir a trajetória desse segmento na escravidão e pós-abolição, principalmente nesse último, contando com dados que não estão registrados na história oficial da cidade (TENÓRIO, 2004, p.39). É interessante destacar, dentre várias informações que a pesquisadora nos traz, a presença dos escravizados nas diversas atividades da cidade, informações que obteve nos trabalhos de um historiador local.

O que mais nos interessou nessas recordações foi a referência ao trabalho e ao modo de vida dos escravizados na cidade e no campo. Eram mulheres negras que cuidavam de buscar água na bica com enormes potes na cabeça para abastecer as casas de seus donos. Elas também fabricavam pães com suas senhoras para venderem aos restantes dos moradores. Confeccionavam roupas de algodão. As camas eram feitas pelos negros carpinteiros, chamados de carapinas. Aqueles que voltavam da roça pediam a benção para os senhores. As famílias ricas em dias de calor tinham uma negra que andava de um lado para outro da mesa abanando-os (TENORIO, 2004, p.39).

No sentido de demarcar a presença negra em Araraquara, um espaço de sociabilidade em que a identidade negra tem a sua expressão, Tenório pesquisou o Baile do Carmo na tentativa de construir a história da população negra da cidade. Destaco como construção, pois o que tínhamos até então, em termos de memória escrita sobre os negros da cidade, eram alguns estudos sobre escravidão e pós-abolição que não enfatizavam as várias manifestações de resistência negra que traziam em sua essência aspectos ligados a organização e solidariedade e outros escritos que apenas procuravam destacar aspectos depreciativos em relação ao negro que faziam parte do imaginário social da época, como o do jornalista Corrêa .

Bronco, mal aconselhado pelos demolidores do regime, não trabalhava. Bebia e dançava. Os batuques eram coisa diária nos arrebaldes da cidade. Assim, eram também os furtos de galinhas, de cabras, de gêneros alimentícios [...] ora, a respeito de moral, a das senzalas sempre fora muito frouxa, quase livre. O novo cidadão vinha, pois de má escola e no delírio da liberdade recente deu-se inconscientemente a todos os prazeres. (CORRÊA, 1948, p. 27)

Para aquele que lê esse fato interpretando-o de forma literal, o negro se dedicava apenas à vadiagem e as manifestações culturais eram interpretadas como bagunça. No

referido artigo nada é mencionado sobre a falta de oportunidades de trabalho e nem sobre as formas de inserir o negro na nova ordem econômica. De acordo com Tenório

A existência do “Baile do Carmo” como um lugar de memória, como um evento capaz de nos oferecer elementos para a reconstrução de uma parte da história da população negra em Araraquara. O “Baile” se torna o meio para que uma história dessa população venha à tona. (TENÓRIO, 2004, p. 61)

No rastro da pesquisadora, os entrevistados estabelecem uma estreita relação entre o “Baile do Carmo” e a “Festa do Carmo”, sendo essa um evento de caráter religioso, cuja origem é de meados do século XX, em que Nossa Senhora do Carmo é homenageada através de várias atividades contando com a participação de muitos negros.

Vivenciar um espaço em que as dificuldades fossem atenuadas, em que as discriminações não fossem sentidas ou percebidas, pode ter provocado uma sensação especial nos negros e negras que participavam da “Festa do Carmo” a ponto de quererem aproveitar essa mesma sensação, essa reunião propiciada pela festa religiosa para a realização de alguma forma de conagração entre eles. Mas, para isso teriam que romper com vários estereótipos e limites. O “Baile” surgiu como complementação à “Festa”. A população negra participava da festa religiosa, tinha o desejo de homenagear a santa. A oportunidade de reencontrar os amigos para dançar, paquerar, enfim para exercer a sociabilidade no espaço-tempo do “Baile” é estimulada por conseguir romper, ao menos temporariamente a exclusão a que os negros estão submetidos. Por acontecer uma vez por ano, ele era muito esperado (TENÓRIO, 2004, p.154).

Com essa construção realizada por Tenório, a qual consideramos de fundamental importância e cujas informações foram resgatadas por meio da memória de vinte negros araraquarenses, temos um recorte na história da cidade, pois há representações da população negra que destacam aspectos de organização e criação de espaços de sociabilidade que expressam a identidade negra que resiste perante as desigualdades em todos os setores da vida econômica, política e social.

6.2 Identidade negra: uma discussão complexa

Vários autores discutem a questão da identidade dando destaque ao seu caráter relacional ou dialógico. É algo que vai se constituindo no decorrer do processo de desenvolvimento dos indivíduos nos quais esses estabelecem relações sociais e culturais e vão se afirmando enquanto seres sociais com subjetividade delineada.

Segundo Munanga é um processo de construção de sentido que não tem uma essência, a não ser uma essência histórica e política e não teria sentido pensar identidade se não levarmos em consideração questões políticas que excluem uma parcela da população dos vários aspectos da vida social. (MUNANGA, 2002, p.12). O autor declara que “a identidade de um povo só se define numa relação dialógica com a identidade do outro. Nesse processo de negociação de convivência é que as identidades se colocam” (MUNANGA, 2002, p.12).

O autor discorre sobre a existência de várias formas de identidade devido ao fato da relação de desigualdade ser baseada na raça. Empréstamos os conceitos de M. Castells no que se refere a identidade legitimadora construída pela classe dominante que pretendia construir a unidade nacional não considerando as diversidades étnicas e culturais dos segmentos que aqui construíram o Brasil, ou seja, o processo de miscigenação que culminaria numa nação branca, com uma única cultura.

Para contrapor a identidade legitimadora temos a identidade de resistência produzida por aqueles que estão em posições subalternas que criam culturas de resistência. Assim sendo, para Munanga

[...]o processo de tomada de consciência nessa cultura de resistência leva à construção de identidades que nós podemos considerar como identidades de resistência e que podem ser localizadas em toda diversidade cultural brasileira, em várias regiões do Brasil.(MUNANGA, 2002, p.13)

Para a construção da identidade é necessário ter consciência das diferenças e estar centrado em alguns atributos que cada povo considera mais significativo que são tirados da história ou da geografia, ou da situação social, de relação de gêneros ou da religião. Uma mesma pessoa ou grupo pode viver várias identidades ao mesmo tempo, podendo ser individual, familiar, coletiva, com conteúdo étnico, religioso (MUNANGA, 2002, p.13).

Oliveira afirma que a identidade social e pessoal estão ligadas, pois, nas relações interétnicas e que esta se exprime por contraste. A leitura de Barth influenciou Oliveira na elaboração da “identidade contrastiva”. Segundo Oliveira

A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i.e., à base da qual esta se define. Implica a afirmação do nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. (OLIVEIRA, 1976, p. 5)

Oliveira destaca a questão da identidade dos grupos, sendo esses uma forma de organização social que também compreende a cultura, mas não como fator originário para a sua constituição, mas resultando dessa constituição.

É na relação dialógica que as identidades vão sendo construídas. Relações muitas vezes conflituosas em que a identidade hegemônica se coloca como “a identidade”. Mas, segundo Munanga, temos “a identidade de resistência” daqueles que questionam a hegemonia identitária a partir de elementos considerados significativos de sua pertença.

Taylor estabelece um vínculo entre identidade e reconhecimento e para compreendermos esse vínculo devemos considerar o caráter dialógico que é uma característica da condição humana. Segundo o autor

Tornamo-nos agentes humanos plenos, capazes de nos compreender a nós mesmos e, por conseguinte de definir nossa identidade, mediante a aquisição de ricas linguagens humanas de expressão” (TAYLOR, 2000, p.46).

O autor enfatiza que entende a linguagem, não só por palavras, mas também por outras maneiras pelas quais as pessoas se expressam e essas formas de expressão acontecem através da interação com outras pessoas que têm um papel importante em nossas vidas.

Nesse contexto, o autor indica que a produção da identidade não se dá no isolamento, esta é negociada por meio do diálogo aberto ou interno com o outro (TAYLOR, 2000, p. 246).

Gomes também estabelece o caráter dialógico na construção da identidade.

[...] Uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade. (GOMES, 1995, p.)

As mulheres negras adolescentes entrevistadas, em sua maioria, indicam a sua pertença negra. Mas se ficarmos presos a questão de uma identidade negra, homogênea, original, as falas das adolescentes não vão ao encontro dessa afirmação. Mas, se entendermos a categoria negro, abarcando tanto o fenótipo como outros traços que indicam essa pertença, podemos concluir que essas mulheres negras adolescentes constroem suas identidades a partir de atributos considerados por elas positivos em relação

ao negro e, nas relações que estabelecem, fazem crítica ao padrão homogêneo imposto como legítimo, e se auto valorizam enquanto descendentes de negros. Nesse sentido, Pinto destaca a importância de perceber que a identidade étnica não é estática, pois valores e características que são considerados negativos podem ser transformados em positivos (PINTO, 1990, p.117).

Não podemos também ser unânimes em afirmar que a totalidade das adolescentes entrevistadas manifesta um orgulho incondicional da pertença negra, mas também não percebemos uma negação total de sua origem negra. Elas demarcam essa origem e afirmam que vivem de forma tensionada. E não poderia ser de outra maneira, já que “as representações negativas da sociedade abrangente acerca do negro e de sua cultura tiveram e têm conseqüências extremamente danosas para a sua identidade, levando-o a viver a condição de negro de maneira penosa e ambígua” (PINTO,1990, p.117). Não por acaso o ideal de miscigenação ainda paira na mente de muitos como uma “válvula de escape”. É como se o distanciamento do negro pelo fenótipo pudesse afastar o indivíduo um pouco mais do preconceito e da discriminação.

A identidade étnico-racial transcende, portanto, a dicotomia branco/negro que é construída na relação com o outro. Compreende para a sua construção, o social, como também o pessoal, além dos sinais diacríticos, a exclusão e marginalização históricas a que africanos e descendentes foram submetidos. São elementos considerados para a valorização e luta para a conquista dos espaços socialmente negados aos negros, pretos, pardos e mulatos.

6.3 Significado da Auto - Identificação

As mulheres adolescentes ao se auto-identificarem como pretas ou negras manifestaram orgulho desse pertencimento. A vivência que elas têm na sociedade em que ser negro é colocado de forma negativa remete a tensões experimentadas subjetivamente. Elas afirmam sentir orgulho, mas têm a percepção de que nos vários contextos em que estão inseridas as relações são mediadas por estereótipos.

A tensão que apontamos é o resultado da vivência que essas mulheres adolescentes experimentaram. De um lado, há o desvelamento dos estereótipos e o negro é positivado, por exemplo, no ambiente familiar. Por outro, em outros ambientes socializadores o preconceito e a discriminação se manifestam.

De forma enfática, ou não, as adolescentes que se auto-identificaram como pardas ou mulatas também remetem ao pertencimento. Mas, em alguns momentos de suas falas elas admitem que na sociedade brasileira há uma relativa aceitação de pardos e mulatos. É algo já comentado na literatura e, de acordo com Telles

Na ideologia brasileira, os mulatos são valorizados no imaginário nacional como sendo o brasileiro típico, embora sejam também frequentemente marginalizados e na realidade estejam mais próximos da condição dos negros do que da dos brancos na estrutura de classes do Brasil. (TELLES, 2003, p. 135)

Vejamos os relatos:

A adolescente que se identifica como preta viu como positivo esse termo e manifesta o seu orgulho. Questiona o preconceito que há em relação aos negros e aponta como superação a consciência que pode despertar dos limites e possibilidades das pessoas independente da cor da pele. O seu discurso caminha no sentido da igualdade entre os seres humanos, mas igualdade em termos de direitos, pois tem a percepção das diferenças. Evoca ainda a identidade negra que está sendo construída em vários momentos de sua vida.

Preta! Orgulho da minha raça. Existe muito preconceito, então para eu mostrar para as pessoas que todo mundo é igual independente de cor ou raça e que posso fazer muitas coisas.

Eu vejo que eu tenho orgulho de ser assim porque eu acho que posso demonstrar para as pessoas que independente da sua cor ou raça você pode ser melhor ou pior em qualquer coisa. A partir disso eu comecei a perceber que eu tenho orgulho e tive sorte em ter nascido assim, quem sabe não foi alguma coisa de Deus pra mostrar para as outras pessoas que não tem diferença de um para outro (Ba).

As relações familiares também proporcionam à adolescente a construção de sua identidade. O orgulho é um contraponto ao preconceito que permeia as relações sociais.

Negra! Orgulho. Meus pais me ensinaram, apesar das pessoas terem preconceito pra mim é um orgulho, não deve ser encarado como uma vergonha, eu gosto muito de ser negra (Boá).

O passado é dignificado e as conquistas da atualidade são o resultado da resistência negra.

Ser preta é ter orgulho do meu passado. Se a gente está aqui hoje, se a gente conseguiu o nosso espaço hoje é porque muita gente lá atrás batalhou, sofreu pra gente conseguir esse espaço, pode ser pequeno esse espaço que a gente tem, mas é um espaço na sociedade (Mi).

A questão do pertencimento étnico-racial é importante para a adolescente, pois assumir a identidade negra é uma manifestação do orgulho de suas raízes e também a identificação com uma luta travada contra o preconceito, a discriminação e o racismo.

Ser negra, eu gosto dessa cor, porque é muita discriminada, então eu acho que eu sendo mais uma das negras o Brasil vai ver que o pessoal negro não é diferente de ninguém. Então tendo mais pessoas negras vão ver que os negros também são gente, porque uns acham que só porque são negros não merece ter o mesmo direito que o branco (Pan)

Tendo a percepção das mentiras que foram elaboradas em relação ao negro, a adolescente coloca a diferença como razão de enriquecimento para todos e reivindica o respeito.

Eu sou negra e tenho orgulho. É motivo de orgulho porque eu aprendi que negro tem capacidade também.
É bom ser diferente porque ao mesmo tempo que você aprende várias coisas você ensina também para as outras pessoas. É bom isso, respeitar um ao outro (Jan).

A adolescente transita pelas identidades, confirma a sua descendência negra e a sua bandeira é demonstrar que o ser humano deve lutar para atingir os seus objetivos, mas o negro e o mulato devem provar que são capazes, manifestando dessa forma as barreiras existentes na sociedade em relação aos descendentes de africanos.

É meio complicado. Meu pai diz que o bisavô dele foi índio, ele se envolveu com uma escrava negra. Eu tenho esses dois lados. O meu pai, o cabelo dele é liso, ele é de minha cor. Então eu acho que seria o quê? Ah, sou mulata!

Eu por ser mulata, tenho a mesma capacidade que um branco teria, e a cada dia que passa eu provo isso e reconhecem isso. Eu acho que o fato de você ser negro, mulato, descendente, eu acho que isso não impede de você provar para as pessoas que também é capaz, que pode sempre ir atrás de tudo. Se o seu sonho é jogar bola, você deve ir atrás, independente da sua cor. Se o seu sonho é ser médico é ir atrás, independente da sua cor (Ja)

Essa adolescente revela distanciamento e proximidade. Afasta-se dos negros pelo fenótipo indicando que tem certa aceitação na sociedade por ser parda. Mas essa aceitação é meio relativa, pois a adolescente tem consciência de que pelo fato de ser parda também é

vítima do preconceito e discriminação, mas estabelece comparação e, nessa comparação, ela está um degrau acima pela sua pigmentação. A proximidade que estabelece é a referência que faz aos antepassados indicando a importância de saber sobre suas origens que transita pelas identidades negra e indígena.

Ser parda é ter oportunidade em alguns lugares, é ser rejeitada, ah ser parda é tudo de bom. Eu sei que tem preconceito por ser parda, agora ser negra já tem mais preconceito. Porque assim, não chama muita atenção no sentido de eu não ser negra e no sentido de eu não ser branca. Eu sou uma cor assim, parda, clarinha. As pessoas não olham meio torto pra mim, como eles olham pra outras pessoas que eu já vi.

Sou descendente de africanos e indígenas [...] nossa é um orgulho que eu levo no peito porque faz bem você saber que é dessa descendência [...]significa que foram alguém, que são conhecidos. Você ser conhecida através deles (Le).

Da mesma forma, essa adolescente que durante a entrevista também destaca a diferenciação negro/pardo em termos de aceitação e oportunidades na sociedade demarca com muita ênfase o seu pertencimento étnico-racial. A sua identidade está sendo construída também por meio do histórico familiar em que houve o processo de miscigenação, mas as raízes negras não foram diluídas.

Ser parda. Eu acho que é mais próximo das minhas raízes.

Meu avô materno negro, minha avó paterna negra. Eu acho que o ser parda foi essa mistura toda que meu avô negro casou com uma mulher branca. São as minhas raízes afro-descendentes (Ág).

Apesar de demonstrar pertencimento há certa dificuldade na auto-identificação que entendemos ser resultado dos estigmas e estereótipos que fazem parte das relações sociais.

De cor! De cor escura. Uma pessoa negra. Eu me julgo uma pessoa negra (Dé)

6.4 Espaços de Sociabilidade

a) Família

Retomando o período da escravidão, com todas as barreiras e dificuldades, percebe-se que algumas estratégias foram utilizadas pelos escravizados para preservar elementos da

cultura africana. Muitos observadores e autores deste período, em seus escritos, deixaram uma imagem depreciativa do comportamento dos escravizados e Slenes, através de seus estudos, mostra o preconceito dos olhares dos observadores estrangeiros e nacionais no confronto com o escravizado.

Em primeiro lugar, haveria uma imagem deformada do próprio negro, produzida por um racismo extremado do qual seria raro, nessa época, o viajante europeu ou o brasileiro bem-nascido que escapasse [...] Em segundo lugar, a visão dos observadores do século XIX provavelmente sofria interferência de preconceitos culturais. (SLENES, 1999, p. 136-7)

Mas Slenes enfatiza a necessidade de uma outra leitura sobre o mundo dos escravizados, com a utilização de diferentes tipos de informações e métodos de análise, pois os observadores da época deixaram rastros que possibilitam uma interpretação divergente da patológica por eles colocada.

O autor tenta recuperar do “olhar branco” a constituição das famílias escravizadas e argumenta que essas, de acordo com os dados levantados “refletem, em parte, a influência da herança africana através de algumas escolhas mediante a situação imposta” (SLENES, 1999, p.148).

Com relação ao casamento, Slenes utiliza o conceito de Herskovits, o entendendo, “como uma união sexual sancionada pela sociedade [no caso, a escrava] e formada com a intenção de permanência” (SLENES, 1999, p.149). Segundo o autor:

[...] era uma instituição comum entre os escravos nas regiões cafeeiras [...] Provavelmente algumas das vantagens do casamento para os escravos – e não as menos importantes – teriam sido as de ordem emocional e psicológica: o consolo de uma mão amiga, por exemplo, na luta para enfrentar privações e punições (SLENES, 1999, p.149).

Estas vantagens emocionais e psicológicas na constituição da família para o escravizado, diz o autor, tem ligação com a vida material e cultural, pois segundo indícios, com a união, estrategicamente, o escravizado tinha um maior controle sobre o espaço da “moradia” e acesso a terra em seu benefício.

Se o escravo e a escrava que se casavam podiam ter em mira, como objetivo realista, conseguir mais recursos para si e mais controle sobre sua economia doméstica, eles podiam também aspirar a levar adiante, com mais sucesso, projetos de médio e longo prazos (SLENES, 1999, p.195).

Assim, apesar da tentativa de coisificação do escravizado, o mesmo elabora

estratégias para tentar subverter a ordem e trazer elementos de sua cultura para uma outra realidade na qual ele se viu inserido; elementos que pudessem contribuir para minimizar a aridez do cotidiano, a manutenção da tradição e a desestruturação da tentativa de anulação de sua identidade.

Os depoimentos das mulheres negras adolescentes nos revelam, em sua maioria, que é na família que elas encontram condições afetivas e emocionais. É nesse espaço de socialização que buscam energias para o confronto em outros espaços em que negros são retratados de forma negativa e estereotipada.

É a família que constitui um referencial importante para a elevação da auto-estima e constituição de suas identidades.

A mulher negra, do lar ou com dupla jornada de trabalho, é a mesma mulher que há séculos enfrenta a discriminação por ser mulher, negra e pobre. Na escravidão, sofreu com o trabalho árduo e a exploração sexual, sendo a ama de leite e passando por todos os tipos de violência que caracterizam esse período. E no período pós-abolição é a mulher negra que, nas mais variadas atividades consideradas inferiores, mantém a estrutura da família.

Apesar do avanço escolar e profissional dessas mulheres as pesquisas nos indicam que as desvantagens ainda são grandes se comparadas com a mulher branca, homem branco, homem negro. Tais desvantagens têm o caráter da naturalização da inferioridade gênero/raça que embora desmistificados ainda fazem parte do imaginário social.

Assim, ser mulher negra é enfrentar muitos desafios em uma sociedade estruturada por homens e brancos herdeiros do pensamento que naturalizou a inferioridade em contraposição a um padrão de ser humano universal. Domésticas, faxineiras, cozinheiras, zeladoras, auxiliares de enfermagem...são essas as profissões das mães das adolescentes entrevistadas. São mulheres negras com quem essas adolescentes mantêm uma relação de confiança, afeto e admiração. As adolescentes vêem nas mães um referencial positivo, um fator importante para a formação de suas identidade.

Eu acho que tenho muito da minha mãe. Ela é uma pessoa que batalha bastante, já batalhou bastante na vida [...]é uma pessoa de um ótimo coração. Está sempre pronta para ajudar (Ba).

A mãe, primeira referência, juntamente com o pai, incentiva a adolescente para a mesma ter acesso ao conhecimento e à formação escolar, pois para os pais esses elementos são importantes no que se refere na conquista de espaço.

Me identifico muito com a minha mãe. Minha mãe e meu pai pegam no meu pé, falam que é para eu estudar, que é importante, que é para eu acreditar no meu potencial (Boá).

Minha mãe é batalhadora, consegue tudo que ela quer. Passa que a gente tem que ser na vida, o que a gente tem que fazer para conseguir o que a gente quer (Jan).

Além disso, a mãe é a confidente, a conselheira.

A minha mãe é dez, porque a gente fala de tudo, ri, chora...(Àg)

A minha mãe é como um diário para mim. Tudo que eu faço eu conto para ela e tiro todas as minhas dúvidas com ela (Pan).

Ser negro é estar a todo o momento ultrapassando as barreiras que há na sociedade e, ser a melhor, é uma maneira de provar para a sociedade a capacidade do negro.

Minha mãe e minha tia. Minha tia ela conseguiu vencer todos os obstáculos. Ela é negra e conseguiu fazer uma faculdade. Ela falam que eu tenho que ser melhor que todo mundo, para provar para todo mundo que eu vou conseguir fazer uma faculdade (Mi).

b) Família - outros

Nesse espaço familiar há as condições e possibilidade de que a auto-estima e a auto-confiança precisam para se estruturarem. A construção do pertencimento independe da miscigenação. O ser negro é positivado em contraposição ao imaginário social pautado em relações estereotipadas. Nas relações familiares há as primeiras noções, para a maioria das adolescentes, da pertença negra. Há, portanto, identificação com a mãe, enquanto mulher, porém há outras pessoas da família que se tornam referências na construção de suas identidades, por conta do diálogo travado sobre o “ser negro”.

Meu pai é negro e a família fala muito desse orgulho. Tem vários primos, tios que dizem: “Ah preto é foda”. É mania de se expressar, tipo “eu sou eu”. Orgulho né! Muitos que têm a pele até mais clara dizem “não, que nada, eu sou preto”. Minha sobrinha que tem seis aninhos fala: “Ah tia, eu sou preta”, e ela é mor clarinha (Ba).

Esse entendimento causa fortes emoções na adolescente. O espírito de liderança dos antepassados e o seu histórico familiar transmitiram à adolescente o orgulho do pertencimento étnico-racial.

A forma como meu avô levou a família. Ele era alegre e muito carinhoso. Tinha uma coisa dentro dele que contagiava as pessoas [...]ele falava que não queria morrer e o povo ficar se matando por causa de dinheiro. Ele falava que dinheiro não valia nada e que a família é a coisa mais importante, é a base de tudo. Ele sempre levou a família assim. Todo Domingo era sagrado, ele armava a reunião da família. Foi um dos poucos que conseguiu juntar a família.

Ele contava que quando ele era mais novo apanhava laranjas e como era casado com uma polaca enfrentou muitas dificuldades. Se hoje as coisas são assim, imagina na época deles. Minha avó com dezesseis anos, branca, olhos azuis, meu avô, negro maravilhoso, alto e forte.

Ele falou que a primeira filha deles morreu de fome porque não queriam por ele para plantar, acho que até porque ele tinha casado com a minha avó. Minha avó conta que era muito triste pois ela dava água com açúcar para a nenê.

Meu avô levantava a bandeira também. Então é uma coisa que vem desde o meu avô. Desde pequena ele falava: “Ah, tem que ter orgulho da nossa cor”. Então desde pequena fui me contagiando com aquilo (Ág).

c) Clubes, escola

A escola, o clube, são espaços de fortalecimento da identidade ou de estranhamento. As adolescentes têm essa percepção. Em alguns casos, há a identificação, pois a maior parte dos frequentadores tem a origem negra. Em outros, há a diferença sendo destacada pelo segmento que se considera dentro do padrão normal de ser humano.

A adolescente, em um dos clubes e no esporte que pratica, encontra a identificação. No outro, é considerada diferente, porque é uma das poucas negras que costuma frequentar aquele local. Ela enfrenta a barreira, mas sabe que, indiretamente, pelos frequentadores **normais**, não está incluída.

Eu viajo com o meu time, vou nos clubes ... e

Bom o pessoal fala que no ... só vai negro, o pessoal fala: “só vai dar preto”.

Eu sou uma pessoa que frequento o ... e conheço o clube inteiro. Algumas pessoas têm aquele negócio: “aquela ali, daquela cor, se acha a dona do pedaço que conhece todo mundo, nossa, se acha”. No ... é mais uma ali, mas no ... eu sou diferente, mas eu não deixo de frequentar com os meus amigos que a maioria é branco.

No time, o time inteiro a gente fala que é a África do Sul, o time inteiro é de meninas pretas.

No esporte é diferente da escola, se você for bom, não importa a sua cor.

No ..., se alguém te ver com um menino branco, já te falam assim: “O que aquela neguinha está se achando, menino branquinho!”

Mas eu procuro agir normalmente, vou lá, me divirto, converso com todo mundo e nunca me aconteceu nada diretamente (Boá).

O bairro também é um lugar que lhe proporciona prazer, pois é onde faz o que gosta e se sente contemplada pela receptividade. No outro clube, a sensação é de desconforto.

Eu vou no [...], na casa das minhas amigas, mas é mais no bairro que eu fico, as meninas todo final de semana querem que eu mexa nos cabelos delas.

Você vai no [...], eles te olham de cima até embaixo, ficam falando de você. Agora no [...], você cumprimenta todo mundo, parece que todo mundo é igual. Os outros falam que lá só tem 'Zé povinho', eu não acho. Eu acho que ali pode ir todo mundo porque é um preço só. É sempre mais barato. Agora no [...] é muito caro, tem gente que não tem condições de ir, só quem tem dinheiro mesmo.

Eu acho legal o [...], me identifico muito com as pessoas.

Eu acho que lá vai mais negros, acho que é por ser mais barato, por gostar mais de pagode. Os negros gostam de pagode e no [...] só tem pagode e sertaneja. Acho que é pelo tipo de música (Dé)

O negro sendo destaque por suas habilidades se torna “diferente” dos demais, pois “é negro, mas é inteligente” e se faz respeitar devido às qualidades manifestadas no cotidiano escolar.

Na escola acham que me respeitam devido as minhas notas. Bem, eu acho que nem por isso, porque sempre que eu posso, eu estou lá, ajudo eles nas dificuldades. O fato de eu ser companheira mesmo que eles me respeitam hoje (Ja).

Na minha sala de aula tem um pessoal que me chama de mãe. Eu sou aquela que senta, dá conselhos, falo não é assim, vão com calma. Eu falo que adotei e tenho vários filhos. Eles me chamam de mãe até na rua e eu chamo eles de filhos (Ág)

4.5 Diálogo sobre o preconceito e a discriminação

a) Família

Os ensinamentos transmitidos pela família, por meio do diálogo, ajudam as adolescentes a romper as barreiras dos vários contextos sociais no sentido de prepará-las para os enfrentamentos. As adolescentes podem provocar mudanças nas relações que historicamente foram naturalizadas no cotidiano, mas para isso elas têm que se destacar,

serem as melhores para conquistar os espaços que estão reservados somente para os brancos.

Nesses espaços, a discussão gerada é a do fortalecimento da identidade e elevação da auto-estima. As adolescentes têm a percepção das desigualdades raciais, todas vivenciaram o preconceito e a discriminação e vivenciam nesses espaços os seus pertencimentos que, na maioria, constituem um suporte para suas vivências em outros espaços em que o “ser negro” é inferiorizado.

Por conta das desigualdades raciais e da percepção que elas têm, as adolescentes manifestam a necessidade desse diálogo que, infelizmente, não acontece sempre e nem em todos os lugares onde elas freqüentam.

A temática da inclusão está presente no diálogo. Se conscientizar da pertença negra permeia essas relações e impulsiona-as para a desconstrução das delimitações impostas para o negro.

Desde pequena minha mãe fala que não é porque sou negra que devo deixar as pessoas pisarem em mim. Diz que eu não sou melhor nem inferior a ninguém. Mesmo tendo preconceito, devo ter orgulho da minha cor. Ela diz que é uma cor linda.

Meus pais dizem que não é porque sou negra que vou deixar de ir no clube [...]. Eles dizem: “se não foi nenhum até agora, inaugura, se na escola não teve representante negra, você vai ser a primeira, não vai se sentir inferior (Boá).

Ter acesso ao conhecimento significa ter de ser a melhor. Isso constitui uma demonstração das potencialidades da adolescente para não permanecer nos espaços socialmente delimitados para os negros.

Minha mãe fala sempre para eu me sobressair sobre as outras pessoas, sempre tentar ser melhor [...]minha mãe e minha tia falam para eu estudar bastante para provar que eu vou conseguir ser alguém, que eu não vou ficar para trás (Mi)

A presença de elementos da cultura negra no cotidiano brasileiro, para a adolescente, é uma contradição, pois esses elementos estão generalizados na sociedade que tem preconceito e discrimina o negro. Segundo Gomes

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós”

possibilita o posicionamento do negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e da sua ancestralidade. (GOMES, 2003, p. 79)

Há o destaque para a família, principalmente nas figuras da mãe e tia que lhes transmitem esses ensinamentos, além da luta pela sobrevivência que as impulsionam no sentido de elevar a sua auto-estima e conquistar outros espaços.

Muita gente, mesmo não percebendo, usam palavras do vocabulário negro, fazem capoeira, curtem as danças, o samba, por exemplo, que é do negro, a religião dos negros, até sem perceber falam palavras de origem negra, africana. É interessante, tem preconceito, mas aderem a nossa cultura.

Minha mãe e minha tia que são pessoas que conversam muito comigo me passaram tudo que eu sei hoje, tudo que eu consigo falar, tudo que eu sei foi através delas. A televisão, rádio, jornais me ajudaram um pouquinho.

Minha mãe fala: “tem que estudar para não ficar como eu trabalhando de faxineira”.

Minha avó conta que quando ela tinha doze, treze anos começou a trabalhar de empregada para ajudar na família. Meus tios também começaram a trabalhar com oito, dez anos para ajudar minha avó. É negro e pobre, então tinha que trabalhar para ajudar a família (Mi).

A conversa sobre os acontecimentos discriminatórios na sociedade e o incentivo dos pais para que mantenha a sua determinação fortalece a visão de mundo da adolescente.

Quando a gente vê alguma notícia como aquele dentista negro que foi assassinado por policiais, a gente debate. Meus pais sempre falam para mim: “nunca mude sua ideologia por nada. Você tem que levantar a bandeira dos negros, não tenha medo de ninguém porque é a sua vida, tem que seguir aquilo que você acredita doa a quem doer (Ág).

No diálogo sobre o preconceito e a discriminação há identificação entre mãe e filha, pois a protagonista nessa temática é a mãe que revela interesse pelo assunto, e que segundo a adolescente vivenciou situações de preconceito e discriminação. A menina busca nos filmes informações para lhe fornecer subsídios para o entendimento das lutas travadas e os avanços conquistados. Isso leva a adolescente à reflexão, pois mesmo com a dificuldade que tem de se auto-identificar como negra e de ter a percepção que também sofre preconceito racial e não apenas o social, a leitura que faz é de que as relações sociais estão ainda permeadas por estigmas e estereótipos em relação ao negro.

Sou mais apegada ao meu pai porque fico mais tempo junto com ele. Eu acordo, ele está ali, porque ele é aposentado. A gente passa a manhã inteira juntos e a gente conversa bastante...

Sobre esse assunto eu converso com minha mãe, com meu pai eu nunca conversei. Ela é revoltada com essas coisas pois já aconteceu muita coisa com ela.

Minha mãe gosta de filmes sobre o preconceito, racismo e eu gosto também. Ela gosta de assistir para ver como era antes, que a mulher negra não podia entrar em tal lugar, que antes tinha muito preconceito e agora tem menos. Mas eu acho que está voltando tudo de novo, pois só porque você é negra não pode entrar ali, que você é má companhia, às vezes só por causa da sua cor. Para mim não falaram, mas eu já vi a mãe de menina de 3, 4 anos não deixar a filhinha brincar com outra só porque é de cor.

A gente conversa o porquê acontece isso e ela fala para mim que antigamente era bem pior o racismo, até nas mulheres eles batiam (Dé).

A luta pela sobrevivência impede alguns pais de ter um acompanhamento mais próximo dos filhos e assim outras pessoas que compõem o núcleo familiar tomam para si a tarefa de desvelar as relações preconceituosas e desiguais na sociedade, combatendo-os com o ensinamento do orgulho pela cor.

A identidade negra vai sendo construída nesse espaço de sociabilidade em que há a desmistificação do modelo de ser humano considerado ideal e o sentimento de pertencer a um grupo étnico que deve lutar para a conquista dos espaços na sociedade.

A aparência de que vivemos uma democracia racial muitas vezes encobre a sutileza do racismo. Mas, no diálogo familiar o aprofundamento da discussão remete à realidade e o contraponto é demonstrar a capacidade e se orgulhar das raízes negras.

Eu converso mais com meus irmãos. A gente debate que muitos não demonstram o preconceito, mas só do jeito que te olham dá para perceber a indiferença. A gente conversa que temos que tentar ser os melhores, porque se você tiver a mesma capacidade que um branco, com certeza ele passa na sua frente.

A gente tem que ter orgulho da nossa raça, que não tem porque a gente se sentir diminuído. Eu aprendi isso vendo meus irmãos falarem bastante, aí eu resolvi que tinha que ser da mesma forma, não tinha porque eu me sentir diminuída (Ba).

As experiências vivenciadas por pessoas da família, as respostas que deram a estas adolescentes sobre o orgulho de ser negras, são formas de contribuir para a sua auto-estima e o fortalecimento do seu pertencimento.

Eu e meu tio conversamos. Ele coloca algumas histórias sobre os preconceitos que ele sofreu, mas seguiu em frente. Ele fala: “seja mais você, porque nós negros também somos gente”. Eu fico ouvindo. Meu tio tem muito orgulho de ser negro, eu também me considero negra porque o meu sangue é de negro por causa da minha avó e do meu avô.

Minha família só passa energia positiva, contam o que aconteceu com eles. Acho que isso está no sangue, é da minha pessoa também. Tenho muito

orgulho de ser negra, meu namorado é negro pois eu sou chegada no negro (Pan).

Os papéis subalternos que são destinados aos negros nos programas de televisão são questionados e os mesmos se sentem contemplados quando assistem a programas que colocam em destaque as famílias negras, pois a visibilidade negra de forma positiva contribui para a auto-estima de negros, pardos e mulatos, mas isso, na leitura da adolescente, não acontece no Brasil. Ela faz comparação com outros países e em alguns deles, ela consegue ver uma representação positiva do negro na mídia, ao contrário do Brasil onde a representação é de submissão.

Com minha mãe e com meu pai, a gente mal conversa sobre isso, eles nunca têm tempo pois ficam muito no trabalho. Converso com o meu irmão mais velho. A gente debate muito sobre os programas de televisão, principalmente novelas em que a maioria dos empregados domésticos é negro e os brancos são os empresários, os ricos nas novelas. A gente compara muito esses programas de televisão com programas de outros países. A gente gosta muito de programa americano, principalmente “Um maluco no Pedaco” em que a família é negra e rica. Existe o preconceito em outros países, mas acho que talvez seja menor, porque se não fosse assim, não teria programas com negros sendo ricos. Aqui no Brasil, eu acho que o preconceito é muito forte e também o preconceito é divulgado pela mídia (Ja).

A adolescente afirma que esse imaginário social é falso e que a diferença na pigmentação não descaracteriza as potencialidades das pessoas.

Quando eu fiz a redação, falei em casa sobre o que eu escrevi. Na minha família tem muita gente racista. Tem meu primo de seis anos e quando eu o convido para ir na casa de alguém, ele pergunta: “Que cor é?” eu falo que é negro e aí ele fala: “Eu não vou, acha que vou na casa de negro”!

Eu converso com ele que não tem isso de ser preto ou branco. Às vezes o preto ou pardo são pessoas de bem mesmo. Tem muita gente que fala que os negros são os traficantes, mas não é bem assim, os brancos que mandam assim (Le).

b) Musical

As letras de música que trazem um significado, principalmente uma crítica social, exercem uma influência positiva na vida da adolescente. Ela as traz para o seu contexto e as toma como bandeira para o fortalecimento da auto-estima e de sua forma de luta para contrapor o estabelecido.

Eu gosto bastante de Rock nacional, porque às vezes as letras das músicas ajudam muito você.

Tem certas letras de música que dizem justamente o que você acha, o que você pensa. Tem a letra da música do Rapa que nela fala: “branco, se você soubesse o valor que o preto tem, você tomava banho de piche e ficava preto também”. Em todo lugar que eu passo, eu tenho que deixar isso anotado para mostrar para as pessoas que não deve ter desigualdades (Ba).

c) Ancestralidade

A adolescente busca informações sobre os seus antepassados que a conduz a uma civilização africana, a uma ancestralidade que ela toma como orgulho e sentimento de pertencimento.

É sangue sabe, é aquela coisa dos ancestrais, aquele tempo devia ser maravilhoso, antes de chegar o homem branco, eu estava procurando na internet. Bem bacana seria ir para a África e conhecer alguma tribo que ainda faz rituais dos ancestrais (Ág).

d) Amigos

O sentimento de pertencimento gera questionamento entre os amigos, pois esses têm como parâmetro a cor da pele, não a origem negra. Mas esse sentimento para a adolescente independe da miscigenação que há em sua família, pois positivou o ser negro buscando na história e na família uma identidade que carrega com muito orgulho, pois “se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial” (ANDRADE, 2001, p.115).

Meus amigos perguntam se eu me considero negra e eu falo que sim. Choca eles e eu falo que é uma mistura na minha família de negros e brancos. Só que o que mais me toca é a minha raiz negra. Eu levanto a bandeira mesmo. Até alguns amigos negros falam que eu estou tirando uma onda. Eu sinto esse preconceito. Por que eu não posso me sentir negra, que está na minha raiz. Eu sou negra, me considero negra e me amo (se exalta ao falar) (Ág).

e) Escola

O espaço escolar vai sendo delimitado para o diálogo sobre a diversidade. Logicamente em um âmbito que não envolve professores e nem toda a comunidade escolar, mas certamente há identidades em construção que têm como parâmetro o pertencimento étnico-racial.

Converso com as amigas da escola sobre aprender a respeitar as pessoas. A gente conversa que todo mundo é capaz, independente da cor. A gente tem que aprender a viver com as diferenças não é? (Jan).

As mulheres adolescentes “negras”, “pardas”, “mulatas”, “de cor” demarcam a pertença negra. Estabelecem essa pertença por meio da positivação do ser negro. Valorizam-se e se contrapõem ao modelo considerado normal. Elegendo, em sua maioria, aspectos positivos dessa pertença, desconstruem a negatividade imposta a negros e descendentes. Buscam exemplos e demonstram que nas famílias obtêm apoio, e naquelas em que alguns integrantes estabelecem uma hierarquia pela pigmentação, ou o negro é encarado de uma forma negativa, ou há resistência e uma tentativa de conscientização para a desconstrução dessa imagem.

Mas, no geral, percebemos uma influência positiva da família na construção da identidade dessas mulheres negras adolescentes. Os recursos que as mesmas utilizam estão relacionados à consciência do potencial do negro e o investimento nesse potencial para demonstrar que são capazes, pois na sociedade em que vivem as relações se tornam desiguais e são mediadas por estereótipos em relação ao negro e para que elas possam transcender a essa situação têm que “provar” que são melhores que os brancos. São as formas encontradas para romper os espaços que estão delimitados.

Percebemos também que essa pertença que as mulheres negras adolescentes demarcam recebem outras influências, pois além da crítica que fazem aos espaços que estão demarcados para os brancos, espaços onde elas estão, embora sejam excluídas de forma plena, elas se sentem contempladas quando há visibilidade do negro de forma positiva como na televisão, em uma letra de música, na conversa entre amigos...

Assim, as mulheres negras adolescentes compreendem que a diferença não significa inferiorização como está colocado no imaginário social e, conseqüentemente, nas relações que nos estabelecem vários contextos sociais. Elas buscam referências que consideram significativas para positivar o ser negro e afirmar suas identidades, questionando, dessa forma, a identidade hegemônica.

7 PROJETOS DE VIDA

A educação, como fator de inclusão social, sempre foi preocupação da população negra. Mesmo no período da pré-abolição já era visível a preocupação de negros libertos e das escolas em irmandades com o processo de alfabetização de negros (MOURA, 1986; CUNHA JR,1999).

Mas, se por um lado temos as estratégias criadas pela população negra no período da escravidão para ter acesso às “letras”, por outro, segundo Gonçalves e Silva

[...] os africanos escravizados estavam impedidos de aprender a ler e escrever, de cursar escolas quando estas existiam, embora a alguns fosse concedido, a alto preço, o privilégio se fossem escravos em fazendas de padres jesuítas. (GONÇALVES; SILVA, 2000, p. 135)

Os autores enfatizam que o objetivo era modelar o comportamento dos escravizados, não havendo nenhuma preocupação em prepará-los para os estudos mais avançados.

No século XIX, a educação se tornava prioritária para a construção da nação brasileira. Assim, neste período houve uma grande preocupação com a instrução das classes populares, com os libertos e com as crianças e para prepará-los para a liberdade. Mas tais preocupações não surtiram efeito para a população negra, pois saindo do século XIX e adentrando no século XX essa população continuou relegada ao abandono (GONÇALVES ; SILVA, 2000, p.138).

Retomando a questão relacionada à preocupação do negro com a educação e as estratégias criadas para o combate ao analfabetismo, Cunha Jr (1999, p.1) revela algumas iniciativas de ações educacionais pós-abolição elaborada por diversos grupos e associações recreativas e clubes que “abrigaram formalmente ou informalmente a instrução escolar, a alfabetização e a profissionalização dos membros”.

Gonçalves e Silva (2000), por meio de suas pesquisas, observam que as entidades negras na ausência de uma política de combate à exclusão da população negra, inclusive no campo da educação, ofereciam escolas para a alfabetização de adultos e de formação completa para crianças negras (GONÇALVES ; SILVA, 2000, p.40).

Eles também destacam o papel da imprensa negra nesse processo que mesmo com uma circulação que se limitava aos alfabetizados, atingia, de uma forma ou outra, os analfabetos. Conforme afirmam:

Nos jornais da imprensa negra paulista do começo do século, no período fecundo de sua divulgação, que vai dos anos 20 ao final dos anos 30, encontram-se artigos que incentivam o estudo, salientam a importância de instrumentar-se para o trabalho, divulgam escolas ligadas a entidades negras, dando-se destaque àquelas mantidas por professores negros. Encontram-se mensagens contendo exortações aos pais para que encaminhem seus filhos à escola e aos adultos que completem ou iniciem cursos, sobretudo os de alfabetização. O saber ler e escrever é visto como condição para ascensão social, ou seja, para encontrar uma situação econômica estável, e, ainda, para ler e interpretar leis e assim poder fazer valer seus direitos (GONÇALVES; SILVA, 2000, p.140).

A temática educacional sempre esteve presente na pauta de luta daqueles que lutavam contra a marginalização e exclusão da população negra e, nos anos 70 do século XX, adquire novos contornos quando novas questões são introduzidas no cenário nacional.

Nesta rápida discussão, queremos acentuar a importância da escolarização para os negros como uma das estratégias para romper as barreiras e percebemos esta importância também nas falas das mulheres negras adolescentes entrevistadas que demarcam suas potencialidades para concretizar seus projetos com a consciência dos obstáculos a serem superados.

a) Adolescentes e família

As mulheres negras adolescentes têm perspectivas para o futuro. Seus projetos de vida transcendem os estereótipos que permeiam o imaginário social. Acreditam em suas capacidades e contam com o apoio dos pais que as incentivam para a conquista dos espaços. Alguns autores já escreveram sobre a herança que o passado escravista exerceu sobre a população negra, dentre vários aspectos, principalmente o que se relaciona à educação. Gonçalves e Silva revelam que as mulheres negras nascidas no início do século XX eram preparadas para as atividades ditas “desqualificadas”, as quais demarcaram o seu lugar no mercado de trabalho. Segundo os autores:

[...]as mulheres eram encaminhadas a orfanatos, onde recebiam preparo para trabalhar como empregada doméstica ou como costureira. Famílias abastadas as adotavam, quando adolescentes, como filhas de criação, o que de fato significava empregadas domésticas não remuneradas. Este fato acabou, de certa forma, estigmatizando o lugar da mulher negra no mercado de trabalho. (GONÇALVES; SILVA, 2000, p. 140)

Essas mulheres negras adolescentes conseguiram, ainda assim, traçar características positivas para o ser negro e, mesmo aquelas que demonstram certo

distanciamento pelo fenótipo têm consciência dos obstáculos que negros, pardos e mulatos enfrentam.

A adolescente é destaque no esporte, projeta o seu futuro no sentido de alargar os estreitos espaços destinados aos negros. Conta para isso com a sua capacidade e o apoio dos pais, mas enfatiza que para a concretização do seu projeto deverá ser a melhor.

Eu gostaria muito de seguir a carreira de handball em que estou agora. Quando eu chego em casa com medalhas meus pais sentem orgulho, mostram para a família inteira e para os vizinhos [...] quero fazer faculdade de arquitetura, eu tenho muita força de vontade e sei que posso. Meus pais me apoiam, eles sabem que essa é a minha vontade. Eu gosto muito de desenhar, a parte de decoração eu curto bastante. Eu sempre procuro fazer o melhor, dar o máximo de mim, mostrar que eu estou sempre determinada. Eu procuro cumprir as regras para mostrar que eu tenho capacidade, que eu posso, se eu quiser eu consigo (Ba).

Boá afirma que esse futuro que ela projeta depende de si, do seu empenho no esporte e escolarização e conta com o apoio da família.

Continuar jogando voley, jogar nas olimpíadas, terminar a escola me formar em fisioterapia e seguir a profissão. Mesmo que eu jogue voley, eu quero continuar estudando.
Acredito na minha capacidade, depende de mim, se eu estudar eu consigo e meus pais também acreditam bastante (Boá).

Le conta com o seu esforço e com uma certa aceitação que tem na sociedade, pois na pirâmide racial o distanciamento do negro pela sua pigmentação ajudará a concretizar o seu projeto.

Quero me formar e ser professora. Eu me esforço bastante e como eu falei eu não sou muito rejeitada (Le).

O esforço por meio da escolarização será a via de acesso para garantir a conquista dos espaços que não são destinados a esta adolescente, assim ela revela que, portanto, terá que ser a melhor, ou seja, melhor que os brancos.

Quero conseguir fazer uma faculdade e me formar em publicidade. Eu tenho que estudar bastante, me empenhar e tentar ser melhor que os outros (Mi).

A adolescente acredita no seu potencial e tem apoio e motivação dos pais e ainda

demonstra que seu projeto contempla os excluídos.

Eu pretendo cursar faculdade de jornalismo que é uma coisa que eu gosto, que me identifico. Só que é para ajudar o povo mesmo, fazer jornalismo para a grande massa. Acredito na minha capacidade porque eu busco isso. Desde muito nova eu já sabia o que eu queria e fui me aprimorando, querendo sempre aprender e meus pais me dão muito apoio (Ág).

A escolha da adolescente reflete o seu prazer em trabalhar com cabelos relacionados ao seu grupo étnico-racial. Caminha para a autonomia na medida em que no seu cotidiano está se aprimorando com a expectativa de se aperfeiçoar para realizar o seu projeto.

Meu sonho é ter um salão de beleza pois gosto de mexer com cabelos. Às vezes, nos finais de semana as meninas chegam na minha casa e pedem para eu trançar os cabelos delas ou alisar. Eu quero trabalhar agora numa outra coisa, juntar dinheiro, fazer curso de cabeleireira e ter o meu próprio salão. Eu acredito na minha capacidade e meus pais também (Dé).

O conhecimento para Pan também é importante, ela busca informações e tem consciência do seu potencial.

Quero ser uma advogada ou uma professora de dança. Acredito na minha capacidade porque eu luto muito. Minha família sabe que falando alguma coisa de dança ou o assunto é consciência negra eu procuro ir atrás para me informar (Pan).

Da mesma forma, Ja busca a concretização de seu projeto de vida, via escolarização.

Me formar em administração, ter a minha casa, o meu carro, mais para frente me casar e ter os meus filhos (Ja).

A luta e a motivação da mãe impulsionam Jan.

Pretendo fazer faculdade e ter um futuro bom. A minha mãe fala: “hoje eu tenho isso porque eu consegui e se eu consegui você também pode” (Jan).

b) Sociedade

Embora as mulheres adolescentes acreditem em suas potencialidades, demonstram a perversidade da sociedade em relação ao negro, pois nesse imaginário social em que as relações desiguais estão naturalizadas o estigma determina os lugares que estão socialmente reservados para os negros, pardos e mulatos. Superar esse imaginário social significa ter acesso à escolarização, mas não é apenas isso, elas têm que se destacar, ser as melhores e provar suas capacidades.

Nesse sentido, as suas expectativas se confrontam com aquelas da sociedade, as quais impregnaram a marca da inferioridade no negro, sendo que a desconstrução dessa marca faz parte de seus projetos, uma vez que vislumbram um futuro que possa romper com a homogeneização, e elas, diferentes desse padrão “normal”, conquistarem os espaços socialmente reservados para os brancos.

O discurso da democracia racial, das oportunidades iguais para todos constitui um mito para essas meninas. Elas desvelam e mostram a realidade social e a consciência das dificuldades que enfrentarão.

Na percepção da adolescente Ba, recai sobre ela o que faz parte do imaginário social, ou seja, o estigma e estereótipo em relação ao negro.

Aqueles que não me conhecem não acreditam na minha capacidade, porque acham que a maioria dos pretos são vândalos, marginais, então acham que eu sou mais uma (Ba)

Ter um destaque na profissão! A maioria das pessoas, segundo a adolescente, não acredita que ela tenha competência para isso. A leitura que ela faz do jogador de futebol e do usuário de drogas não difere daquela que a sociedade faz: ela descarta as habilidades que o jogador deve ter e a indústria que há em torno das drogas.

A sociedade, a maioria não acredita. Tem pessoas que pensam que o negro vai crescer ou vai virar jogador de futebol ou vai cair nas drogas, vai ser sempre um subordinado, nunca vai ser um chefe. Como eu quero fazer fisioterapia, as pessoas não acreditam que eu possa ter uma clínica. Eu vou sempre ser a empregada, não me vêem como uma pessoa que pode ser patrão, como uma pessoa que conseguiu chegar lá (Boá)

Ser mulher e negra significa vivenciar dupla situação de exclusão. Na visão da adolescente são obstáculos que ela terá que ultrapassar colocando sua competência à prova.

Ainda acham que eu não vou ser capaz de conseguir, mas eu vou provar para todo mundo que eu sou capaz. Por eu ser negra, por eu ser mulher, acham que eu não vou conseguir ter um trabalho bacana, fazer uma faculdade. Mesmo não querendo pensar isso, eles pensam no subconsciente. Se for escolher para dar um emprego entre um negro e um branco, vão escolher o branco (Mi).

Para esse imaginário social, o projeto de Ág é pretensioso demais, pois é pobre, parda e estuda em escola estadual.

Acho que muitos olham e falam: “eu vou pagar pra ver”. Mas é isso que me dá mais força. Eu sou de uma família humilde, minha mãe trabalha num restaurante, meu pai é eletricitista, talvez uma pessoa rica, olha que você estuda numa escola estadual, acha que você não vai entrar numa Federal, que é o que eu pretendo. Então, é o que me dá mais ânimo, querer estudar mais e provar que eu sou capaz. Também tem um pouco de preconceito por eu ser parda, as pessoas nunca acham que você está levando a coisa a sério (Ág).

As adolescentes manifestam a percepção do que a sociedade pensa sobre o negro.

Algumas pessoas te olham e falam: “aquela ali não vai subir na vida, até pela cor falam que não vai fazer nada (Dé).

A sociedade! Muitos acham que eu não sou capaz porque eu não tenho ninguém que já tem algo, que já é advogado. Tem menina que não estuda mais, já tem filho, acham também que eu não posso ser (Pan).

Para a sociedade a gente tem que mostrar que é capaz (Jan).

Ja acredita que houve avanços e que a democracia racial um dia se tornará realidade.

Se você for ver, anos atrás o preconceito era muito grande. Hoje, diminuiu pouco, mas diminuiu. Acho que pouco a pouco as pessoas vão se acostumando com as diferenças, e esse negócio de preconceito, um dia acho que acaba (Ja).

As mulheres negras adolescentes entrevistadas consideram de fundamental importância ter uma carreira profissional. Almejam, em sua maioria, ingressar na faculdade e ultrapassar os espaços socialmente delimitados para elas. Vivem uma tensão, pois apontam a necessidade de se destacarem, de serem melhores que os não negros para a inclusão nesses espaços por elas projetados.

Mas a realidade nos mostra que apesar dos esforços dos negros em adquirir uma formação escolar, isso não significa eliminar definitivamente o preconceito e a discriminação. Segundo Valente

Apesar dos pesares, há negros que ascendem socialmente via escolarização. Aos trancos e barrancos, alguns conseguem chegar à universidade. Com isso galgam alguns degraus na hierarquia social [...] são esses os negros que sentem de modo crescente as manifestações de preconceito e discriminação raciais. Isso porque nesse nível ocorre uma competição mais acirrada com os brancos na disputa e ocupação de posições. Os brancos valem-se, então, de toda carga negativa de estereótipos para mostrar “o lugar do negro”. (VALENTE, 2002, p. 53)

Entretanto, essas adolescentes acreditam em suas capacidades e têm a família como aliada para os seus projetos. Mas, de outra forma, encaram a sociedade como desestimuladora, pois a marca de serem negras as levam ao descrédito e aos lugares socialmente predestinados. Nesse sentido Valente afirma

No racismo à brasileira, o negro é proibido de ocupar alguns cargos ou posições, de freqüentar como cliente, certos clubes, hotéis e restaurantes. Seu lugar é na cozinha, na entrada de serviço dos edifícios luxuosos... (VALENTE, 2002, p. 53)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação procurou identificar o papel da família na construção da identidade das mulheres negras adolescentes, e nesse contexto, de suas perspectivas para a construção de seus projetos de vida. A pesquisa propiciou um encontro com oito mulheres negras adolescentes que nos expuseram informações importantes sobre suas vivências e experiências em uma sociedade que subestima o ser negro.

Percebemos, em primeiro lugar, que essas mulheres têm um olhar muito profundo sobre a realidade que as cerca. Têm percepção do racismo (velado) que está introjetado na mente das pessoas e da sociedade em geral. Avaliamos, em segundo lugar, que são muito bem informadas, pois desvendam o que está dissimulado nas relações sociais em que estão inseridas e, nesse processo, têm a percepção dos conflitos existentes e dos diálogos que devem ser travados para suas auto-identificações enquanto negras desvinculadas das imagens projetadas na sociedade e suas afirmações perante si e o outro. Elas declaram suas pertenças, sendo que algumas destacam outras etnias formadoras também de suas identidades. Contrapuseram-se, portanto, à classificação da pesquisadora que, nesse trabalho utilizou a categoria negra para todas aquelas que, independente da tonalidade da pele e do fenótipo revelassem ser descendentes de africano. Trata-se de uma classificação que tinha como parâmetro a definição que o Movimento Negro, desde a década de 70, utiliza “no sentido de incluir não apenas as pessoas fenotipicamente negras, mas também e sobretudo os mestiços descendentes de negros, mesmo aqueles que a ideologia do branqueamento já teria roubado” (MUNANGA, 2004, p.137).

Assim, a classificação proposta pelo Movimento Negro, esbarra nos dados que as entrevistadas nos forneceram, tais como, parda, mulata, de cor, preta. Todas que se auto classificaram dessas formas se remeteram a pertença negra, algumas com mais intensidade e outras em menor grau. Outras, que de acordo com esse ideal de branqueamento que impera na sociedade, poderiam também se afastar da auto classificação negra, foram enfáticas e se incluíram nessa categoria.

Todas as adolescentes, independente das matizes da auto classificação, sofreram preconceito e discriminação. Tiveram a oportunidade, durante a entrevista, de expor experiências que deixaram marcas em suas vidas. Houve momentos em que a emoção tomou conta dessas meninas. Algumas delas não resistiram ao choro. Mas o que destacamos de fundamental importância é que a maioria delas se remete e atribui um importante significado a pertença negra.

Gomes afirma que a construção da identidade negra é uma tarefa política, pois, segundo a autora:

[...] No contexto das relações de poder e dominação vividas historicamente pelos negros no Brasil e na diáspora, a construção de elos simbólicos vinculados a uma matriz cultural africana tornou-se um imperativo na trajetória de vida e política dos (as) negros (as) brasileiros (as). Ser negro é afirmar-se negro, no Brasil, não se limita a cor da pele. É uma postura política.

Dos vários espaços sociais em que transitam é na família que a identidade negra mais se fortalece através de reforços positivos. É verdade que encontramos tensões no interior da família. Há registros que mostram que, também ali, o negro é subestimado. Mas mesmo quando essas tensões são verificadas, há um ou outro elemento que faz emergir o negro em seu sentido positivado.

Pelas suas falas, pelas leituras críticas e experiências que elas têm dos vários contextos sociais e como se direcionam a família, podemos entender que é nesse espaço de sociabilidade que buscam o suporte para desconstruírem o paradigma dominante e se perceberem e se remeterem aos seus pertencimentos étnico-raciais. É nesse espaço de sociabilidade que os depoimentos nos apontam a identificação, a contestação ao modelo estabelecido como ideal e o suporte para a contraposição a esse modelo em que elas demarcam que a diferença não significa estabelecer que apenas um grupo étnico-racial deva ser representado e considerado superior a outro.

Certamente, há defasagens, como já apontamos. Nem sempre essas adolescentes conseguem o apoio que precisam para as situações que enfrentam. Vimos que o afeto à sustentação emocional e crítica pode ser deslocado para outros espaços de sociabilidade, incluindo aí o clube e mesmo a escola. Na atualidade, mesmo com a velocidade que as informações chegam até as pessoas, algumas idéias que são veiculadas através de letras de músicas e filmes, mesmo que insuficientes, ao insinuarem a intenção de desconstruir o imaginário social da discriminação exercem influência positiva sobre as meninas e contribuem também para a elevação da auto-estima e fortalecimento de suas identidades.

Parece existir entre elas a convicção de que os estereótipos foram forjados e de que o ser negro tem um significado que não é daí decorrente. A percepção do problema parece ser crítica o suficiente para impedi-las de abandonar seus sonhos. Elas têm projetos para o futuro e acreditam que vão concretizá-los através da escolarização.

Nesse processo, no cotidiano das relações que estabelecem, elas percebem que terão que romper com os estigmas e estereótipos presentes em tais contextos. Elas refletem sobre essas experiências, ressignificam a imagem do negro e vislumbram um futuro em que além da concretização dos seus projetos através da educação, rompem com a crença de que são pessoas desacreditadas.

Entendemos que a partir da diáspora, mesmo nas condições em que as possibilidades de serem sujeitos eram abafadas, os negros buscavam estratégias de sobrevivência, no sentido de se dignificarem e se contraporem à ordem estabelecida. Vemos que é através da educação que essas adolescentes almejam reverter a situação tendo o contexto familiar como um dos principais - senão o principal espaço - em que encontram apoio e credibilidade.

Por tudo isso, é possível supor que essas mulheres negras adolescentes têm uma importante participação no sentido de contribuir para a desestruturação das relações desiguais que foram estabelecidas como naturais. Com a leitura crítica que fazem da sociedade e na luta para a concretização de seus projetos poderão interferir também no processo de mudança de mentalidade com a desnaturalização do que foi considerado natural, ou seja, os lugares socialmente reservados para os negros.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- AMARAL, M. Contextualização da problemática adolescente. **Percurso**, n. 28, p. 35-40.
- ANDRADE, I. P. Construindo a Auto-Estima da Criança Negra. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília, M.E.C., p. 115, 2001.
- AZEREDO, S. Teorizando sobre gênero e raça. **Estudos feministas**. Rio de Janeiro, p. 203-16, 1994.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BATISTA, L. E. **As mulheres negras e a informação em saúde reprodutiva**: um estudo de caso. Araraquara, 1997. Mimeografado.
- BENTO, M. A. S. Mulheres negras e branquitude. **Revista Faça a Coisa Certa! O Combate ao Racismo em Movimento**. Disponível em: www.alternex.com.br/~ceap/pesqnegr. Acesso em: 30 de jun. de 2005.
- BORDIEU, P. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOTELHO, A. **Cientificismo à brasileira** : notas sobre a questão racial no pensamento social. Campinas: Centro de Estudos Brasileiros da Unicamp. Disponível em http://www.achegas.net/númerou/um/andre_b.htm. Acesso em 10 de jan. de 2005.
- BRIOSCHI, L. R.; TRIGO, M. H. B. **Relatos de vida em ciências sociais**: considerações metodológicas. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo: SBPC, n. 7, v.39, p.631-7.
- CARNEIRO, S. **Conferência mundial contra o racismo, xenofobia outras formas conexas de intolerância**. São Paulo, s/d. Mimeografado.
- CARPOZOV, A.R. L. A identidade étnica. **Mulher negra: preconceito sexualidade e imaginário** Recife: Massananga – Fundação Joaquim Nabuco, p. 146-158, 1995.
- CASTRO, L. M. X. **Mulheres negras e direitos humanos**. s/i, s/d.
- CHAGAS, Conceição Corrêa das. Negritude e auto estima. In: SOUZA JR; VILSON C. (Org). **Nossas raízes africanas**. São Paulo: Centro atabaque de cultura negra e teologia, 2004. p.21-27.
- COM CIÊNCIA – o Brasil negro. **População Negra no Mercado de trabalho**. Disponível em: www.comciencia.br/reportagens/negros/o5.shtml. Acesso em: 30 de jun. de 2005.

CONGRESSO Afro-Brasileiro. 1999, Salvador. **Anais do 5º Congresso Afro-brasileiro de Salvador**, 1999.

CORRÊA, P. L. A abolição em Araraquara. In: ALMEIDA, N. M., **Álbum de Araraquara**, 1948, p.27.

COSTA, S. Paradoxos do pensamento anti-racista brasileiro. **Teoria & Pesquisa**, São Paulo, Departamento de Ciências Sociais – Universidade Federal de São Carlos, jan/jul. 2003, n. 42 e 43.

CUNHA JR., H. **Movimentos negros hoje**. São Paulo, 1993.

DIEESE. **Mapa da população negra no mercado de trabalho no Brasil**. Disponível em: <http://www.inspir.org.br/cartmapa.htm>. Acesso em: 30 de jun. de 2005.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus/Edusp, 1965.

FONSECA, D. J. A (re) invenção do cidadão de cor e cidadania. **Cadernos do Centro de Estudos e Ação Social**, 2004, p.65-83.

FREIRE, G.. **Casa grande e senzala**. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FRY, P. O que a Cinderela Negra tem a dizer sobre a “política racial”. In :_____. **A persistência da raça: Ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER. **Integração do gênero à terceira conferência mundial contra o racismo, xenofobia e formas conexas de intolerância**. Pretória, Unifem, 2001.

GIACOMINI, S. M. **Mulher escrava: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

GOFFMAN, E. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOMES, N. L. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção racial de professoras negras**. Belo Horizonte: Mazda, 1995.

_____. Cultura Negra e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. maio/jun./jul./ago., 2003, p.75-85.

_____. Educação e identidade negra. Disponível em: www.ideario.org.br/cidadania/neab/kule/educacao.htm. Acesso em: 09 de jun. de 2006.

_____. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, E (Org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando a nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

_____. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu – raça e gênero**. Núcleo de estudos da Unicamp, Campinas, n. 6 e 7, p. 69-76, 1996.

GONÇALVES, L. A. O. A discriminação racial na escola. In: MELLO, R. L. L. C.; COELHO, R. C. F. (Org). **Educação e discriminação dos negros**. Belo Horizonte: IRHJP, 1988.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B.G. Movimento Negro e Educação. **Revista brasileira de educação**, n. 15, 2000.

GUIMARÃES, A. S. A.. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos). **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, 2000.

_____. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v.29, n.1, jan./jun. 2003, p. 93-107.

GUSMÃO, N. M. M. Desafios da diversidade na escola. In: _____. (Org). **Diversidade, cultura e educação**. Olhares cruzados. São Paulo, 2003, p.2-33.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2001.

HENRIQUES, R. Silêncio – O Canto da Desigualdade Racial. In: _____. **Racismos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003.

KOSMINSKY, E. V. A utilização do dado qualitativo e a subjetividade do pesquisador. In: QUEIROZ, M. I P. **Agruras e prazeres de uma pesquisadora**: ensaios sobre a sociologia. Marília: Ed da Unesp, 1999.

LANG, A. B. S. G. et al. **História oral e pesquisa sociológica**: a experiência do CERU. São Paulo: Humanitas, 1998.

LOPES, A. Além da Memória: Vila Xavier diálogo entre os diferentes elementos de sociabilidade. 2002. Tese (Doutorado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

LOUREIRO, S. A.G. **Identidade étnica em re-construção**: a resignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo na perspectiva existencial humanista. Belo Horizonte: O Lutador, 2004.

MENEZES, A. B. Memória: matéria de mimese. In: _____. **Coleção Seminários**. Campinas: Centro de Memória da Unicamp. p.13-24.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. (Org.) **Superando o Racismo na escola**. Brasília, 2001, p.8.

_____. **A identidade negra no contexto da globalização.** Ethnos Brasil, Cultura e Sociedade. Ano1, n.1. São Paulo, 2002. p.11-21.

OLIVEIRA, R. C. **Identidade, Etnia e Estrutura Social.** São Paulo: Pioneira, 1976.

PINTO, R. P. Movimento Negro e Etnicidade. In: _____. **Estudos Afro-Asiáticos**, n.19, 1990, p. 109-123.

_____. A Educação do Negro: uma revisão bibliográfica. In: _____. **Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas**, n. 62, São Paulo, 1987, p.3-34.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: _____. **Estudos Históricos** Rio de Janeiro, vol 05, n. 10, 1992. p.200-212.

QUEIROZ, M. I. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O. M. (Org). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil.** São Paulo: Vértice/ Ed revista dos Tribunais, 1988.

QUINTÃO, A. A. **A mulher negra no imaginário social brasileiro:** mecanismos de manutenção da discriminação. s/i, s/d.

ROLAND, E. **O movimento das mulheres negras brasileiras.** s/i, s/d. Mimeografado.

ROMERO, S. História da Literatura Brasileira. 29 ed. São Paulo: Cultrix, 1975, p.13.

_____. Mestiçagem e literatura nacional. Gregório de Matos. In: Candido. A. (Org). **Silvio Romero. Teoria, crítica e história literária.** Petrópolis: Vozes, 1978.

SANT’ANNA, W. **Desigualdade de etnia/raciais e de gênero no Brasil.** As revelações possíveis dos índices de desenvolvimento humano e índice de desenvolvimento ajustado ao gênero. Rio de Janeiro: Fase, 1999.

SANTOS FILHO, J. dos R. O estigma da aids e os direitos. In: SCAVONE, L. (Org), **Saúde e Sociedade.** Araraquara, 1992, p.74 – 84.

_____. **A imaginação sociológica e o método.** O método como momento de instituição da sociologia. Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, 1996. Mimeografado.

SCHWARCZ, L. M. Questão Racial no Brasil. In: SCHWARCZ, L. M; REIS, L. V. S. (Org). **Negras Imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil.** São Paulo: Edusp,

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v.16, n. 2, 1990. p.5-22.

BRASIL, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **O governo brasileiro e a educação.** Brasília, D.F., 2004.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Estado da Educação. **São Paulo: educando pela diferença para a igualdade.** São Paulo, 2005, Módulo I, Ensino Médio.

SILVA, E. A. **Presença e Experiência da Mulher Negra Professora em Araraquara/SP**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas.

SILVA, M. A. **Mulheres Negras no Ensino Médio**: discriminações e desafios. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Unesp/Araraquara, São Paulo.

SILVA, A. O. A representação do negro na política brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, 2004, n. 40. Disponível em:
<http://www.espacoacademico.com.br/040/040pol.htm>. Acesso em: 10 de jan. de 2005.

SILVA, M. A. Racialidade e produção de conhecimento. In: _____. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2002, p.105 – 121.

SILVA, M. K. Uma introdução à história oral. **Cadernos de Sociologia**, v.9. Porto Alegre, 1999. p.115-141.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SILVÉRIO, V. R. Sons negros com ruídos brancos. In: _____. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2002. p.89-103.

SLENES, R. W. **Na Senzala Uma Flor**. Esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOUZA, N.S. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

TAYLOR, C. A política do reconhecimento. In: _____. **Argumentos Filosóficos**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 241-275.

TELLES, E. Repensando as Relações de Raça no Brasil. **Teoria & Pesquisa**, n. 42 e 43, Departamento de Ciências Sociais – Universidade Federal de São Carlos, jan/jul. 2003.

TENÓRIO, V. P. **Uma Interpretação do Baile do Carmo**: Memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Unesp/Araraquara, São Paulo.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

UNITED NATIONS. **The main types and causes of discrimination**. Commission on Human Rights, Subcomission on Prevention of Discrimination and Protection of Minorities. Nova York: Lake Success 1949.

VALENTE, A. L. E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. 18. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

VANSINA, J. A Tradição Oral e sua Metodologia. In: _____. **História Geral da África:** Metodologia e pré-história da África, Unesco, _____, p.157.

Ilmo. Sr.
Prof. Oswaldo Carlos Malaspina
Diretor
Escola Estadual Bento de Abreu
Nesta

Araraquara, 03 de outubro de 2005.

Prezado professor:

Venho por meio desta solicitar de VS. permissão para que a professora Maria Nazaré Salvador – aluna do programa de Pós-graduação em Sociologia, nível de Mestrado, dando continuidade a seu trabalho, possa sugerir a alunos da 1ª série do Ensino Médio, a realização de uma redação com o tema geral “O que tem significado a cor da pele na minha vida”. Trata-se de uma atividade indispensável e programada no contexto da pesquisa *Mulheres negras adolescentes e suporte familiar*.

Em se tratando de um trabalho cujos resultados podem contribuir de forma significativa para a compreensão da condição da mulher negra adolescente, gostaria de poder contar com Vossa colaboração.

Sem mais,

Atenciosamente,

Prof. Dr. *José dos Reis Santos Filho*

Sr. Pai/Mãe ou Responsável

Por

Araraquara, 08 de novembro de 2005.

Prezado (a) senhor (a):

Na semana do dia 04 de outubro, a Prof^ª. Maria Nazaré Salvador, pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Situações de Violência e Políticas Alternativas aplicou uma redação sobre o tema *O que tem significado a cor da pele na minha vida?* a 459 (quatrocentos e cinquenta e nove) alunos da Escola Estadual Bento de Abreu. Nas últimas semanas foram selecionadas oitenta daquelas redações. Em seguida, uma nova seleção foi realizada e onze textos foram escolhidos pela qualidade que apresentaram e pela preocupação com o problema da discriminação racial.

Trata-se de uma atividade necessária ao desenvolvimento de uma pesquisa sobre experiências de discriminação racial vividas por mulheres adolescentes. De fato, o objetivo do trabalho da Prof^ª. Maria Nazaré Salvador é investigar a importância da família nas soluções que as meninas oferecem aos problemas que enfrentam em seu dia-a-dia.

Não por acaso, portanto, nos dirigimos ao senhor (a) para convidá-lo a uma reunião que acontecerá nesta sexta-feira, dia 11 de novembro, às 17h30, no EEBA, na Sala de Informática. Nessa ocasião, a Prof^ª. Maria Nazaré Salvador explicará detalhadamente a natureza do trabalho que está desenvolvendo e solicitará também sua colaboração e autorização para uma entrevista a ser realizada com sua filha.

Contando antecipadamente com sua presença,

Atenciosamente,

Prof. Dr. *José dos Reis Santos Filho*

Núcleo de Estudos Pesquisas e Extensão sobre
situações de violência e políticas Alternativas

TERMO DE PERMISSÃO

Eu,, RG

Morador a, bairro.....,

Telefone responsável por

aluna da Escola Estadual Bento de Abreu, depois de ter tomado conhecimento, através da Prof^a. Maria Nazaré Salvador que minha..... foi escolhida, após a elaboração de uma redação cujo tema foi *O que tem significado a cor da pele na minha vida*, pela qualidade que se texto apresentou e pela preocupação com o problema da discriminação racial, autorizo que ela seja entrevistada pela referida professora para dar continuidade a uma pesquisa sobre a qual fui informado que:

1 – está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – Unesp;

2 – é de responsabilidade da Prof^a Maria Nazaré Salvador e tem supervisão do Prof. Dr José dos Reis Santos Filho, do Departamento de Sociologia da FCL/Unesp/Car;

3 – tem como título *Mulheres Negras Adolescentes: projetos de vida e suporte familiar*;

4 – seu objetivo é o estudo das condições em que a mulher adolescente negra se torna alguém para enfrentar a vida;

5 – a preocupação central do trabalho é o papel desempenhado pela família no processo de construção de sua identidade;

6 – a entrevista programada para ser aplicada ao grupo de meninas selecionadas faz parte de um levantamento de informações sobre as formas como as adolescentes enfrentam situações de discriminação, quais os apoios com que julga poder contar e o(s) projeto (s) de vida que elaboram para o futuro;

7 – em hipótese alguma o nome das meninas será divulgado, sendo essa uma medida tomada com o fim de preservação de sua integridade;

8 – nessa condição, as entrevistas são sigilosas e serão mantidas em estrita privacidade, sendo que, em momento algum, serão usadas com outro fim senão o de sua utilidade científica;

9 – em princípio nenhuma das perguntas a serem feitas – todas voltadas para o exposto no item sexto – produzirão efeito de desconforto ou risco para as pessoas a serem entrevistadas, mas, caso isso aconteça, a situação será evitada imediatamente;

10 – o benefício final esperado pela investigação é uma compreensão das dificuldades enfrentadas por mulheres negras adolescentes e, através dessa compreensão, a possibilidade de identificar caminhos que inibam os obstáculos provocados pela discriminação;

11 – há um compromisso assumido pela responsável pela pesquisa em, tão logo o trabalho esteja finalizado, enviar, a cada uma das participantes, uma cópia do original;

12 – fica a critério da menina ou de seu (sua) responsável retirar, a qualquer momento, a autorização dada para uso dos resultados da entrevista;

Em concordância,

Araraquara, _____, de _____ de _____.

.....